

# Tribuna da Luta Operária

Nº 9, ANO I, DE 8 A 21 DE MARÇO DE 1980

TIRAGEM: 24.000 EX. PREÇO: Cr\$ 10,00

## A VOLKS ENTROU NA BRIGA



A assembleia dos metalúrgicos de São Bernardo surpreendeu pelo comparecimento e entusiasmo.

### Operários da prensa pararam hora extra

“Nenhuma hora extra. O estoque é o fundo de greve do patrão”. A decisão da assembleia de 3 mil metalúrgicos de São Bernardo foi logo acatada por operários da Volkswagen, que suspenderam as horas extras. Nova assembleia marcada para 16 de março. Querem encher de novo o estádio de Vila Euclides. Notícias da campanha na página 5.

**Sandinistas no Brasil**  
Guerrilheiros sandinistas, que libertaram a Nicarágua, visitam o Brasil. 5 mil pessoas em ato público em São Paulo. Veja na pg. 8.

**Morte na Philco**  
Operária doente recebeu cinco injeções, ficou roxa, foi para casa e morreu. Departamento médico é um caso de morte (Página 4).



### Ditadura na Matarazzo

A direção da indústria Matarazzo irritou-se porque a Tribuna Operária denunciou as terríveis condições de trabalho e os salários de fome na sua fábrica, em São Paulo. Vários operários que compraram o jornal foram identificados e ameaçados de suspensão. Diversos exemplares foram apreendidos. Numa atitude abertamente fascista, a Matarazzo se julgou no direito de censurar nosso jornal, de ferir o direito de informação de seus funcionários e foi capaz mesmo de tomar-lhes objetos de sua propriedade, já que haviam comprado e pago os jornais com seu dinheiro.

E mais: 45 mil professores de Goiás fazem a maior greve do ano, até agora (Pg. 2) — 200 pessoas exigem na porta do tribunal: justiça para Santo (Pg. 3) — Pedido à ONU julgamento de 700 torturadores brasileiros (Pg. 3) — Almino Afonso e parlamentares paulistas da oposição falam sobre os movimentos populares e a atuação no parlamento (Pg. 3) — Os hospitais estão nos matando: Em Cangaíba, SP, mais de mil pessoas denunciam falência do sistema de saúde (Pg. 4) — Intersindical convoca: Primeiro de Maio de unidade dos trabalhadores e de luta contra a nova lei do arrocho (Pg. 5) — Na Inglaterra, os operários da indústria siderúrgica completam 2 meses de greve (Pg. 8).



### Editorial: O que esperar do parlamento

Começa o novo ano parlamentar. Voltam ao parlamento os mesmos deputados e senadores, inclusive os biônicos. E, mesmo antes de recomear seus trabalhos, o Congresso mostra que continua como antes atrelado ao Poder Executivo, uma instituição sem independência, na prática proibida de tomar iniciativas.

A emenda Lobão é o exemplo. Propunha o restabelecimento das eleições diretas para os governos estaduais e contava com o apoio da maioria dos parlamentares. Bastou, porém, que o senador Figueiredo decidisse que a questão das eleições diretas só poderia ser discutida em uma sessão que houvesse um recuo geral. Assim, a emenda Lobão, que jogou a discussão para o futuro. E até mesmo o próprio Lobão não conseguiu o apoio a seu projeto.

Assim, as siglas partidárias. Os partidos: o PDS, partido do presidente, o partido dos banqueiros, que se apresenta como uma espécie de reserva para a continuidade do regime, o MDB, que incorporou a oposição anterior, e a Corrente Democrática, a menor expressão da oposição no parlamento, sem uma liderança de força

da reforma partidária, tolhidas pela maioria governista comprada a peso de ouro e pela natureza arbitrária do regime.

Não há dúvida de que o fator decisivo para que as conquistas do povo se concretizem é a própria luta organizada dos movimentos sociais, populares e democráticos. Mas, em sua luta, o povo lança mão de todos os instrumentos e formas de luta que estejam a seu alcance.

Está nesse caso a ação parlamentar, mesmo sendo um terreno favorável às forças da reação. Os democratas, em especial os que se identificam com a gente simples do povo trabalhador, sofrem ali todo tipo de pressões. Mesmo assim, conforme a experiência mostra, parlamentares combativos têm feito do parlamento canal dos protestos populares, levantando sua voz para denunciar os desmandos do regime. Utilizam o mandato para auxiliar a organização das bases e para apoiar a luta nas fábricas, nas ruas, no campo e em toda parte. Sem cair no “cretinismo parlamentar”, que se dá quando se coloca tudo na dependência da ação parlamentar, é necessário que essas vozes continuem ecoando, com força ainda maior, fazendo do parlamento uma caixa de ressonância que ajude a aumentar a união e a mobilização do movimento popular.

### AS MULHERES EM CONGRESSO

Preparando-se para o 2º Congresso da Mulher Paulista, catorze mulheres reuniram-se na TO para um debate.

Nos dias 8 e 9 de março as mulheres paulistas estarão realizando seu 2º Congresso. Na mesma ocasião, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Fortaleza, as mulheres promoverão encontros. Vão aproveitar o Dia Internacional da Mulher para debater seus problemas na nossa sociedade.

O Congresso de São Paulo será realizado na Pontifícia Universidade Católica (PUC), à rua Monte Alegre, 981, Perdizes. O 1º Congresso, que se realizou o ano passado, deu um grande reforço ao movimento de mulheres. A partir dele surgiu o movimento de luta por creches. E contribuiu para unir

mais os grupos de mulheres, que desde então têm participado juntos em todas as lutas dos trabalhadores.

Este 2º Congresso deverá discutir a discriminação que as mulheres sofrem enquanto trabalhadoras. Tratará também da participação política e da organização das mulheres nas lutas gerais, nos movimentos populares, nos bairros e nos partidos políticos.

No Rio de Janeiro e em Belo Horizonte os encontros de mulheres serão realizados nos respectivos sindicatos de metalúrgicos. Veja matéria especial sobre as mulheres na página 7.

**12 de março: concentração popular contra a carestia**  
Fundação de Economia e Estatística  
Todos à praça da Sé (São Paulo) às 17 horas.



Assembléia de professores. A greve de 1979 teve a adesão de 28 mil. Desta vez são 37 mil

## Professores dão lição de greve

Goiânia, GO. Na terça-feira, 4 de março, 1500 professores reuniram-se na praça Bandeirante e de lá saíram em passeata, depois de decidir que continuariam sua greve. E até agora a maior paralisação do país este ano: 37 mil educadores, mais 8 mil funcionários públicos. E tem sido um exemplo, uma verdadeira lição de combatividade e garra.

**ATE NAS FAZENDAS**  
Goiás é um Estado agrário, muito grande e atrasado. Fazer o movimento atingir a totalidade dos colégios, em seus 223 municípios, não é coisa fácil. Há escolas espalhadas por fazendas, na beira de rios... Mas os professores conse-

guiram, graças a uma organização de tirar o chapéu, com dois comandos (Grande Goiânia e interior) subdivididos num sem número de subcomandos, todos funcionando prá valer.

Para a parte de propaganda, vale tudo, desde as estações locais de TV e de rádio até rádios-amadores.

### REIVINDICAÇÃO SENTIDA

O alto índice de adesão, a quantidade irrisória de fura-greves e a disposição de partir para uma luta de longo fôlego, até abril se for preciso, vêm da justiça das exigências dos professores. Eles reivindicam do governador do Estado o pagamento de um reajuste salarial

de 55%, conquistado a duras penas, na greve do ano passado, que deveria ter sido dado no dia 1º de fevereiro, mas foi "esquecido" pelo governador.

### "NÃO VOTE NO PDS"

A greve polarizou as opiniões em Goiás. De um lado, a opinião pública manifesta franca simpatia pelos professores. Do outro, o governador bionico Ary Valadão mobiliza as hostes do PDS para hostilizar o movimento. Mas a resposta já veio. A categoria taxou esses políticos de "inimigos dos professores" e prometeu nunca mais dar voto a eles. (Da Sucursal de Goiânia)

## Favelados querem seus direitos

São Paulo. Moradores da Favela de Santa Madalena ocuparam dia 23 passado um terreno baldio da prefeitura, após perderem seus barracos num desabamento provocado por recentes chuvas. Os desabrigados, cerca de 170 famílias, procuraram inicialmente a Administração Regional de Vila Prudente, onde se situa a favela, mas esta pretendia transferi-los para um bairro situado a 15 km de distância. Diante da má vontade da Regional, os favelados decidiram, em assembléia, ocupar o terreno, contando com o apoio dos movimentos populares da região e de setores da Igreja. Agora, os favelados mantêm vigílias durante a noite para se defenderem de policiais e agentes da prefeitura que tentarem desalojá-los.

Outras favelas também se mobilizam: no dia 1º de março, 50 moradores do Jaguaré estiveram presentes à reunião preparatória do Movimento Contra a Carestia nesse bairro, denunciando as péssimas condições de moradia e anunciando que iniciarão a luta por uma creche na favela.

## Funcionários logrados

São Paulo. Está começando a campanha salarial dos funcionários públicos de São Paulo. Com a experiência adquirida nas greves de 78 e 79, os servidores começaram a buscar novas formas de organização, para dar uma resposta à altura ao governador Salim Maluf, que descaradamente quer dar um aumento de 56% aos funcionários estaduais, quando a inflação foi de 83%. E também ao prefeito de São Paulo, Reinaldo de Barros, que passou um conto do vigário nos servidores municipais, ao anunciar um aumento de 100%, mas para uma classe de funcionários que não existe.

Para discutir a reorganização do CGP (Comissão Geral Permanente) — que condenou a greve de 79 — e definir o reajuste a ser exigido, os funcionários paulistas realizarão o II Encontro do Funcionário Público, no dia 9 de março, no colégio Sion. Os participantes já estão sendo eleitos em assembléias realizadas em locais de trabalho e entidades, na proporção de 1 delegado para cada dez funcionários presentes. E no dia 14, em Belo Horizonte, haverá um encontro nacional do setor.

## Carnaval da vitória

São Paulo. Com carnaval, pan-deiros, panelas e latas vazias, os moradores do Campo Limpo festejaram a conquista de algumas novas linhas de ônibus, depois de seis meses de luta. Uma das músicas mais cantadas: "Canta meu povo/ Vamos lutar/ Pra resolver o problema popular/ O Brasil é do povo/ A panela está vazia/ Venha engrossar o cordão da carestia". A festa foi animada e contou com muitas adesões de moradores.



No protesto dos moradores, adesista não teve vez. Sala vaiado

## Boa Esperança perde a paciência

São Paulo. Quinhentos moradores do Parque Boa Esperança, reunidos dia 24 num ato público de protesto contra o abandono em que se encontra o bairro, mostraram que o povo não perdoa traidores. Vieram o adesista Manoel Sala, ex-membro do MDB, e os outros comparsas do governador Salim Maluf que compareceram ao local. O bairro tem uns 20 mil habitantes, dos quais 90% são operários. Sua situação é aflitiva: esgotos a céu aberto, conduções superlotadas, falta de escolas, pronto-socorro, água e coleta de lixo. Mas tem também gente lutadora, como a Associação das Donas de Casa, que convocou a manifestação. As autoridades, vendo a luta crescer, apelaram para a demagogia. No dia do ato público, um caminhão-

pipa da Prefeitura passou molhando as ruas, coisa que nunca acontecerá antes. Mas a emenda saiu pior que o soneto, pois o povo se revoltou ainda mais.

Em pouco tempo os moradores tomaram conta de solenidade demagógica promovida pela Prefeitura. Descobriram um microfone numa perua presente ao local e o tomaram, para fazer o seu protesto. "A Associação das Donas de Casa — disse um orador — lutou mais de dois anos para conseguir água e agora parece que os canos estão chegando. Ai aparecem políticos que ninguém nunca viu para dizerem que isso foi obra deles". E tome vaias, que Sala e as demais autoridades tiveram de engolir sem dar um pio.



## Movimento Contra a Carestia encherá de novo a praça

São Paulo. O Movimento Contra a Carestia, aliado a sindicatos e outros movimentos populares, está convocando para o dia 12 uma grande manifestação no centro da cidade. O objetivo é protestar contra a alta do custo de vida, os baixos salários, a fome. E neste sentido foi lançada uma campanha contra a exploração da Light, estabelecendo reivindicações im-

ediatas e claras, capazes de mobilizar amplamente o povo.

Porto Alegre, RS. Está convocado para o dia 9 o I Encontro Gaúcho do Movimento Contra a Carestia, que deverá contar com delegações de praticamente todas as cidades do Estado, já que o movimento está ganhando bastante força ali. (Da Sucursal).

## Muitas lutas no ensino

Porto Alegre, RS. Os professores das escolas particulares do Estado reuniram-se em assembléia no dia 1º de março para reivindicar reajuste de 100% sobre os salários de março, liberdade sindical, direito de greve, estabilidade no emprego e remuneração do trabalho extra-classe (Da Sucursal)

São Paulo. No dia 2 de março os professores estaduais fizeram uma

assembléia para coordenar suas forças. Eles exigem um aumento igual ao índice inflacionário mais 15%, reajustes semestrais e redução da carga horária.

São Paulo. Os professores do MOBRAF estão se unindo e organizando em torno da reivindicação de um piso salarial de Cr\$6.500,00.

## Protesto

Rio Branco, AC. Quatorze entidades acreanas assinaram o protesto contra a não recontração do professor Maurício Araujo Mendonça, presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Acre (ADUFAO). "O professor Maurício — dizem eles — foi punido por ser um combativo dirigente de sua categoria. (Do correspondente em Rio Branco)

## Em Tiaraju a luta pela terra

São Gabriel, RS. Três mil camponeses reuniram-se na localidade de Tiaraju, na terça-feira de carnaval, para relembrar o heróico chefe indígena, Sepé Tiaraju, que enfrentou as tropas de Portugal e Espanha. E aproveitaram a oportunidade para discutir seus problemas abrindo a palavra a todos numa "Tribuna do Povo" muito concorrida. Representante de Três Passos e Tenente Portela denunciou o avanço do latifúndio em sua região. Os camponeses que ocuparam a Fazenda Sarandi contaram que já tocaram roça. Mas sentem-se inseguros e querem uma reforma agrária: "precisamos uma barra pesada pra cima dessa gente, senão não vão mudar". João Stedile, da Associação Brasileira de Reforma Agrária, disse que a reforma agrária que precisamos não é a do Figueiredo, que faz promessas de dar 21 mil hectares no Mato Grosso quando só ali há 40 milhões de hectares grilados. Reforma agrária também não é só mexer na terra. Precisamos de uma reforma agrária que mexa nas quatro rodas da carroça: terra, comércio de insumos, comércio de produtos plantados, industrialização". Presentes mais de 50 delegações de diferentes localidades gaúchas, dos índios kaingang e outras. (Sucursal do Rio Grande do Sul)



O povo à própria sorte diante da cheia do São Francisco

## Enchente encheu o bolso dos ricos

Um quadro de calamidade: as enchentes que se estenderam pelos vales do São Francisco, Tocantins e Paraná e que atingiram também grandes cidades, como São Paulo e Belo Horizonte, produziram, segundo dados do governo, sempre discutíveis, 270 mil desabrigados. Comenta-se que o número seria bem maior. Os flagelados praticamente foram abandonados à sua sorte. Grande parte da irrisória ajuda prestada pelos governos federal e estaduais foi desviada para o bolso dos caciques das regiões, o que motivou uma fingida manifestação de supresa do ministro do Interior, coronel Mário Andreazza. Providência contra os ladrões do povo, nenhuma. E o pior vem agora: com as casas e lavouras perdidas, centenas de milhares de brasileiros estão jogados em barracos improvisados, nas beiras das estradas e cidades. Vítimas do capitalismo selvagem

que destrói a natureza e provoca as enchentes. Esquecidos pelo governo que só serve aos ricos e é contra o povo.

No Vale do São Francisco, sindicatos dos trabalhadores rurais, a Federação de Trabalhadores na Agricultura e a Comissão Pastoral da Terra de Petrolina e Juazeiro, fizeram um protesto conjunto contra a maneira como as autoridades vêm tratando o povo da beira do rio. E denunciaram o desvio das verbas e alimentos, que não chegaram aos trabalhadores, nem na enchente de 1979 nem na atual. Denunciaram também o fato de a vida das famílias da beira do rio São Francisco ter sido prejudicada pela construção da barragem de Sobradinho, que provoca enchentes frequentes no rio. Sem falar na invasão das terras por grileiros e projetos oficiais. (Sucursal de Salvador - Bahia)

## Denúncia de calúnias

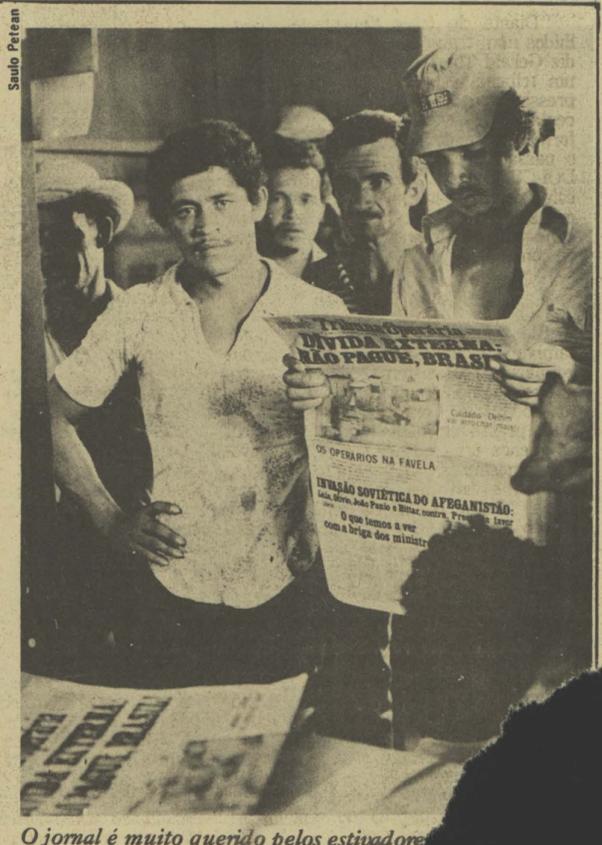
Quinze sindicatos e mais algumas entidades democráticas subscreveram e estão distribuindo uma denúncia pública contra uma campanha sistemática de calúnias que tem sido feita contra lideranças populares e democráticas. A nota, que é assinada, entre outros, por Olívio Dutra, líder dos bancários do Rio Grande do Sul; Lula, de São Bernardo; Augusto Campos, dos bancários de São Paulo; João Paulo, de Monlevade, MG; enuncia uma série de boletins falsos que vêm sendo lançados para confundir os trabalhadores. Isso ocorreu, por exemplo, durante a greve do ano

passado, em São Bernardo. "Em São Paulo, depois da greve metalúrgica de novembro passado, boletins falsos foram jogados nas portas das fábricas, com acusações mentirosas a Vito Gianotti, Franco Farinazzo e Cleodon da Silva, sócios do sindicato e há muitos anos membros da oposição sindical. Diante disso, a oposição metalúrgica declara aos metalúrgicos de São Paulo que os companheiros Vito Gianotti, Franco Farinazzo e Cleodon Silva merecem toda nossa confiança e continuam atuando nos comandos criados durante a campanha salarial".

## Estamos crescendo

No número passado, a Tribuna Operária aumentou sua tiragem de 20 mil para 23 mil exemplares. Neste, subiu para 24 mil. Em São Paulo, a circulação aumentou de 6 mil para 8 mil e em Goiás deu um salto para 2 mil exemplares! São sinais de que nosso jornal começa a cumprir o papel a que se propôs, de ser uma tribuna a serviço dos direitos dos trabalhadores da cidade e do campo, da liberdade, da democracia popular e do socialismo. Sabemos, porém que ainda vamos ter de melhorar muito, estamos apenas começando. Também sabemos que podemos vender muito mais jornais. Para isso, será preciso organizar muitas outras equipes de vendedores de jornais e grupos de amigos e leitores da Tribuna nos locais de trabalho, nos bairros, sindicatos, escolas etc.

Não devemos descansar sobre as vitórias. Todos, a redação central, as sucursais, os vendedores, os amigos e os leitores do jornal, precisam empenhar-se mais em realizar vendas, promoções e em montar redes de contribuintes para levantar fundos. Nos próximos meses o jornal terá de se empanhar em duro trabalho para dar cobertura às lutas operárias e populares que se ajuiciam. E não será capaz de fazê-lo a contento se não tiver uma base material mínima para sua sustentação, para o aumento da tiragem, o aumento de páginas, a ampliação da equipe. Não vamos nos esquecer de que nosso projeto é de um jornal semanal!



O jornal é muito querido pelos estivadores

**Tribuna Operária**  
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívio Rangel, Dilair Aguiar.  
Jornalista Responsável: Walmor Marcelino  
Endereço da Redação:  
Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista  
São Paulo, Capital - CEP 01325  
Sucursais: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 407 - Lapa - CEP 20241  
Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000  
Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307 - Salvador - CEP 40000  
A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anta Garibaldi Ltda.  
Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 44, conjunto 206 - Ione: 228-5337 - CEP 01033 - São Paulo, Capital. É composta e impressa nas oficinas da Cia. Editora Jorues.

**ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA**  
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia.

ASSINATURA ANUAL

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_

Estou remetendo um cheque para: Editora Anta Garibaldi Ltda. Caixa Postal 1000 - São Paulo, Capital.

**Centro de Documentação e Memória**  
**Associação de Bancários Grabois**

# Justiça para Santo

Em São Paulo a Justiça Militar se esforça para absolver o PM que matou Santo Dias da Silva. Mas os companheiros de Santo querem justiça neste caso, em que a classe operária está em julgamento.

O pessoal ficou na porta esperando. Mais de 200 pessoas, na maioria trabalhadores e donas-de-casa, para assistir ao processo do policial que matou Santo da Silva. Na rua, um intenso policiamento: Tácticos Móveis, Rotas, PMs a cavalo e peruas C-14 de chapa fria. Dentro da Auditoria parecia um quartel. A Polícia Militar falou que os 40 lugares da sala de audiência já estavam ocupados e ninguém mais podia entrar.

O povo protestou: "Temos que entrar, somos nós que sustentamos o governo com impostos, este prédio foi construído com nosso dinheiro". "Não querem deixar a gente ver o julgamento porque querem condenar o João, o Espanhol, a classe operária, e absolver o PM."

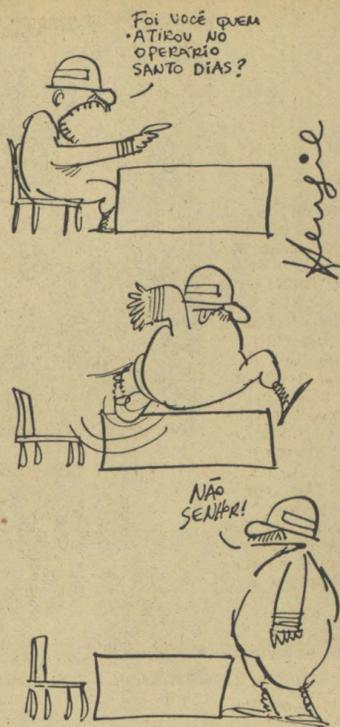
## Audiência adiada

Após muita pressão, e com a intervenção do deputado federal Aurélio Perez, o juiz auditor permitiu a entrada do povo. Mas as pessoas foram submetidas a uma humilhante revista, como se fossem bandidos. Vasculharam bolsos, levantaram vestidos de muitas senhoras e até apalpam a barriga de mulheres grávidas!

Dentro da sala, veio a notícia: não ia ter audiência porque o PM assassino estava doente. E não marcaram outra. O advogado de defesa, da Comissão Justiça e Paz, José Carlos Dias, não estava presente para questionar a versão da doença e exigir um atestado do PM.

## Protesto na saída

O povo presente, muito desconfiado, comentava na saída: "Ninguém fica doente na véspera. Ninguém viu o atestado, quem prova que é verdade?". Saindo da Auditoria, foram para o Sin-



dicato dos Jornalistas, avaliar o acontecimento e planejar a continuidade da luta.

Muitas pessoas falaram: "A presença de mais de 200 pessoas na audiência comprovou a força e a unidade da classe operária. Os patrões e o governo, com a morte de Santo e o processo, pensaram que iam assustar a classe operária. Mas não! Aumentou a vontade de participar, de ver a justiça feita!" "O juiz não mandou buscar o réu em casa, preso, porque quer condenar a classe operária. Se fosse um operário ele mandava, ou fazia a audiência sem a presença do operário, aceitava todas as acusações e condenava ele." "O legítimo advogado do Santo, do João e do Espanhol vão ser a união e a força do povo e dos operários."

Aurélio, também presente, afirmou: "Adiarão a audiência devido à mobilização do povo. Foi uma desculpa. Não estão interessados na participação do povo. Quem está em julgamento é a classe operária. O problema não é condenar um PM, mas fazer justiça à classe operária!"

# ONU pode julgar tortura no Brasil

Revela Gerald Thomas, representante do Tribunal Bertrand Russel, citando denúncias fartamente documentadas.

O Tribunal Permanente Bertrand Russel apresentou ao Conselho de Direitos Humanos da ONU um relatório de 3000 páginas sobre a repressão no Brasil. Consta neste dossiê o nome de 700 torturadores, incluindo várias figuras do atual governo, de 50 médicos que participaram das torturas e cerca de 100 empresários que durante este período financiaram os órgãos de repressão e tortura, como a OBAN. Quem informa é Gerald Thomas, representante do Tribunal Bertrand Russel, entrevistado no Rio de Janeiro pela Tribuna Operária.

## Tribuna Especial

"Diante de fatos tão graves, recolhidos num trabalho de mais de 6 anos", diz Gerald Thomas, a ONU pode instalar um tribunal especial para julgar a repressão e a tortura no Brasil". E acrescenta: "O governo manobrou de toda forma, tentando simplesmente esquecer o passado, enquanto mantêm intatos os DOI-CODI e toda a legislação arbitrária, como a Lei de Segurança Nacional. E pelo que sei, consegui certo apoio até de alguns grupos políticos para esta tentativa de conciliação".

## Estado policial

Ele diz que o tribunal deve julgar também a violência contra os presos comuns: "O sistema carcerário brasileiro é um dos mais corruptos e violentos do mundo. Cerca de 175.000 pessoas estão presas em média há dois anos, sem ao menos uma consulta a algum advogado, mesmo advogado de ofício. O preso comum é um fim de linha, não tem saída. Mesmo depois de solto, a perseguição continua, não tem emprego, não

# Anistia realiza encontro

Reunidas em Belo Horizonte, as entidades brasileiras de luta pela anistia realizaram uma série de resoluções visando até a vitória completa esta luta pelo povo brasileiro. A marca das resoluções é a busca de uma saída frente à ditadura e a organização de vincular-se aos movimentos populares.

## Contas

Complementar o julgamento militar, de acordo com o Conselho de Defesa do Brasil.

Para o povo brasileiro, a criação de um núcleo de apoio político, jurídico e financeiro a estes movimentos, generalizando experiências como as da solidariedade à greve metalúrgica de São Paulo, 4 meses atrás.

pode se readaptar. O próprio sistema gera a criminalidade em dobro".

Falando sobre a situação atual, Thomas acha que "depois da violência bruta, a tendência é generalizar a repressão social, estabelecendo o controle em todos os setores, consolidando o Estado Policial". Ele advertiu inclusive que "o sistema pode utilizar certos sindicatos controlados para suas manobras". E que se "nas áreas operárias mais avançadas é possível romper com isto, em outras vai mesmo é na base do esquadrão da morte, e até com apoio de certas áreas da classe média".

Se o Tribunal da ONU passar mesmo a funcionar, a partir de agosto, o governo brasileiro pode ser chamado a prestar esclarecimentos, assim como é possível que sejam ouvidas as denúncias dos Comitês pela Anistia e mesmo de alguns presos políticos torturados.

## "É preciso mobilizar"

"Do mesmo modo que aqui no Brasil se procura avançar o movimento de massas para pôr um fim neste estado de coisas, exigindo o desmantelamento dos DOI-CODI e todo o aparato repressivo, o fim da Lei de Segurança Nacional e as chamadas salvaguardas — diz Gerald Thomas — neste Tribunal da ONU, pretendemos internacionalizar a luta contra a repressão civil em todos os níveis". E acrescenta: "É claro que na ONU é possível um conchavo internacional para boicotar o julgamento. Por isto é preciso mobilizar a opinião pública, para levar adiante as denúncias. Afinal, a ameaça de repressão paira sobre todos, e os torturadores continuam impunes". (Da Sucursal do Rio de Janeiro)

Outra resolução do encontro visou assinalar a passagem do oitavo aniversário da luta armada do Araguaia, onde, como se sabe, o Exército recorreu a uma repressão de rara brutalidade. Decidiu-se enviar uma "Caravana do Araguaia" à área onde deu-se o conflito. E marcar o dia 12 de abril, data do início da investida militar, com manifestações em todos os Estados, na medida do possível. Este será o primeiro ano em que se promoverá atividades abertas no Brasil relembrando a resistência guerrilheira.

## Apoio ao povo

Outra decisão importante foi a de estreitar mais a ligação entre as entidades de luta pela anistia e os movimentos populares, em particular os dos trabalhadores. O encontro propôs a criação de núcleos de apoio político, jurídico e financeiro a estes movimentos, generalizando experiências como as da solidariedade à greve metalúrgica de São Paulo, 4 meses atrás.

# Como usar o parlamento em defesa do povo

O fator decisivo para o avanço democrático é a luta concreta do movimento popular. Mas a ação política do povo exige a utilização de todos os instrumentos de luta que estejam a seu alcance. Entre eles, a luta na frente parlamentar.

Nesta edição, iniciamos uma série de entrevistas com parlamentares e lideranças militantes dos partidos de oposição institucionalizados. Expressando interesses de classe e pontos de vista ideológicos diferenciados, afirmam-se empenhados na oposição ao regime e comprometidos com os movimentos populares.

Para que as conquistas do povo se concretizem o decisivo é a sua própria luta. Na ação política, o povo lança mão de todos os instrumentos e formas de luta que estejam a seu alcance. Está nesse caso a utilização da frente de luta no parlamento.



Almino Afonso integra a Corrente Popular do PMDB.

## Almino: sem organização do povo não há avanço democrático

Almino Afonso, que foi ministro do Trabalho no governo de João Goulart e, mais tarde, cassado pela ditadura, disse que considera "negativa, do ângulo popular", a divisão da oposição em três partidos. "A verdade, porém, é que a rápida organização do PMDB, expressando uma aliança entre liberais e uma corrente política de caráter popular, permitirá, a curto prazo, uma oposição definida, no parlamento e fora dele, a meu ver, em condições superiores à que foi realizada pelo antigo MDB", disse.

Para Almino "é significativo que o MDB tenha crescido numa conjuntura de derrota, com o desdobramento do golpe de estado de 1964. O PMDB, entretanto, está se articulando num contexto de ascensão do movimento democrático e popular, que vai limitando a capacidade repressiva do regime. Assim, embora a ditadura não tenha caído e, portanto, a oposição tem e não tem um real espaço político aberto, o fato é que os trabalhadores e os movimentos sociais em geral vão conquistando posições para sua participação. O partido tem uma es-

trutura interna mais democrática, possibilitando um nível mais alto de militância, inclusive para os trabalhadores".

## UM PARTIDO DE VÁRIAS CLASSES

Almino Afonso vê o PMDB como um partido de várias classes, abrangendo tendências políticas e ideológicas diferenciadas. "Nestas condições, é natural que os seus membros, conforme sua origem social ou posição ideológica, façam uma leitura diferente do programa partidário e interpretem seu alcance e a sua estrutura também de maneira diferenciada". "E por isso que um conjunto de militantes do PMDB, dentro e fora do parlamento, que se consideram ideologicamente comprometidos com as classes populares, decidiram organizar-se na "Tendência Popular", que tem como objetivo transformar em realidade os compromissos populares que o programa do PMDB assumiu. A Tendência Popular, portanto, não é um embrião de partido (dentro dela também há várias tendências). Ela é uma corrente de opinião

que, ao nível do parlamento e fora dele, lutará para que o PMDB assumna de fato as reivindicações dos trabalhadores, retome a bandeira de defesa do patrimônio nacional e lute pela democratização do país, do ângulo dos interesses das grandes maiorias, através da convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita, e que tenha como pressuposto a plena liberdade de organização para toda e qualquer tendência ideológica ou interesse social".

## A ORGANIZAÇÃO POPULAR

"Sem que o povo se organize não haverá, porém, condições para avanços democráticos, por mais bem intencionados que sejam os militantes de qualquer partido. A organização popular em todos os níveis constitui-se numa força social e política, é o que pode condicionar que o processo de redemocratização se dê em função das grandes maiorias e não como um simples arremedo institucional capaz de garantir privilégios das minorias".

## Bragato: luta parlamentar é limitada, mas mesmo assim é útil

Mauro Bragato, deputado estadual de São Paulo, eleito pelo MDB com votação na Alta Sorocabana e na capital, e que atualmente faz parte da Tendência Popular do PMDB, encara a atuação parlamentar assim:

"Hoje, se luta nas fábricas, nos bairros, nos campos, em toda parte, por melhores condições de vida, por liberdades. No entanto, se sabemos que fundamentalmente só a luta popular vai resolver os problemas do nosso país, não podemos esquecer que o parlamento está aí. E se não o utilizarmos só os outros o usarão, e contra o povo. Assim, apesar de entendermos que a luta parlamentar é limitada, nós a usamos no sentido de fortalecer a organização e a luta popular. Como exemplo disso, temos participado da organização de várias entidades populares, das greves. Na cidade de Presidente Prudente já fizemos, com o

Movimento de Defesa da Amazônia, ato público contra a entrega da Amazônia para os estrangeiros, com a participação de mais de 500 pessoas.

"Tenho observado que o mandato parlamentar é muito útil para o apoio das lutas populares. Na Alta Sorocabana, estamos organizando cerca de 30 diretórios do PMDB, todos comprometidos com a luta democrática e popular. Através de boletins informamos o povo das lutas que estão sendo travadas, como é o caso dos posseiros de Paranapanema que vem lutando pela posse da terra há anos. Ajudada por esses meios a organização popular vem se dando e logo vai se mostrar muito mais forte do que o governo está pensando".

"Procuramos também levar o debate às bases. A reforma partidária não chegou às grandes massas. É preciso levar a discussão até elas. Eu optei pela

Tendência Popular do PMDB e vou continuar fazendo o que sempre fiz: trabalhar no sentido da organização e luta do povo por melhores condições de vida, contra a entrega de nossas riquezas ao capital estrangeiro, pela terra ao homem do campo etc.

"Na Assembleia Legislativa, a preocupação é fazer com que a bancada do PMDB assumna posições firmes contra a ditadura e pelas liberdades políticas. Usar ao máximo esse instrumento a favor do povo. Além disso, é preciso também buscar a unidade com os parlamentares mais combativos dos outros partidos de oposição, em torno de um programa mínimo, cujo centro é a conquista da liberdade política e o fim do regime militar. No momento, já é possível construir uma frente contra Maluf, a mudança da capital e para dar apoio às lutas dos trabalhadores".

## Baruselli: como um alto-falante dos movimentos populares

O deputado estadual de São Paulo, Franco Baruselli, eleito pela região de Araçatuba e ligado às comunidades de base da Igreja, também se integrou à Tendência Popular do PMDB. Ele considera que seu papel como parlamentar "é conduzir ao parlamento todos os movimentos que nele quiserem se manifestar. E estar na rua com os movimentos, na hora da luta, ser o alto-falante no parlamento dos movimentos populares. Nas próximas concentrações de camponeses ligados à pastoral da

terra, na minha região, estarei lá e serei aqui no parlamento o porta voz das palavras deles. Se houver greves e piquetes, estarei lá, a seu lado."

Segundo Baruselli, "as comunidades eclesiais de base, fruto de uma reflexão teológica que partiu do concílio ecumênico Vaticano II e passou por Medellín, descobriram o engajamento na luta política e social para lutar contra o que Paulo VI chamou de "pecado social". A busca do "reino" significa também comer, beber, ter uma casa. A Igreja está dando tes-

temunha de que a vida começa aí, e luta para que isso seja conquistado. É por isso que, hoje, quem representa o povo deve apoiar com a presença e com todos os meios ao seu alcance os movimentos populares.

"A unidade de ação entre os parlamentares mais engajados deve ser automática. Quanto à unidade entre os partidos de oposição, é preciso distinguir entre aqueles que fazem oposição para mudar o regime e aqueles que fazem oposição para tirar vantagens".

## Irma Passoni: tendência popular e PMDB vão atuar unidos

Para a deputada estadual de São Paulo, Irma Passoni, que, segundo se afirma, deverá aderir ao Partido dos Trabalhadores (PT), "independente das posições dos parlamentares, não é o parlamento que muda as coisas. Para se fazer algo no parlamento, só com a pressão de fora".

Ela espera que de agora em diante as

forças de oposição no parlamento passem a ter uma tática de acordo com seus princípios e contando com as próprias forças. "Quem está na Tendência Popular e no PT pode trazer as reivindicações populares para dentro do parlamento. E não só denunciar. Criar alternativa de participação política, principalmente fora do parlamento. E fazer

propostas mais avançadas no seu interior, embora sob este regime isso seja muito limitado."

Em São Paulo, ela acha possível uma atuação conjunta e até mesmo uma coordenação entre as bancadas de oposição. "E, na base, nas lutas práticas, as oposições precisam atuar unidas".

## Sérgio Santos: esforço para manter oposição popular unida

Sérgio Santos, deputado estadual com base no bairro periférico da Freguesia do Ó, São Paulo, acha "importante para nós, que atuamos a nível parlamentar e fora do parlamento, aproveitar isso para ajudar o desenvolvimento das lutas populares".

"É preciso — diz ele — descobrir outras maneiras de utilizar o mandato, como fizemos no ano passado, participando das greves de São Bernardo e São Paulo. Mas, sobretudo, é preciso utilizar o mandato como um instrumento que poderá ser eficaz na organização e fortalecimento dos movimentos populares. Concretamente, isto se dá quando nos reunimos com moradores de bairros da periferia, discutindo com os companheiros as formas de luta que devemos levar."

"Os parlamentares comprometidos

com a luta popular deverão estar fundamentalmente unidos na luta contra a ditadura. Este é um ponto que não podemos esquecer nem minimizar na luta parlamentar.

"Eu acho que a luta parlamentar tem sentido na medida em que nós nos empenhamos contra o regime militar, engrossando a oposição popular e democrática que se dá no nível extraparlamentar. Nós, que nos colocamos a serviço desta oposição, devemos ter claro que a luta do povo nas ruas, na fábrica, nos campos, e no parlamento, é que vai conquistar a liberdade. Mas para isso temos ainda a tarefa de construir a unidade da oposição popular."

"Neste momento, os movimentos sociais reivindicam basicamente melhores condições de vida. Mas sabemos que a resposta a essas reivindicações depende

de uma participação política efetiva. Nós estamos formando diretórios, núcleos políticos, movimentos reivindicatórios, tudo para responder à tarefa prioritária: lutar pela liberdade.

"A reformulação partidária foi feita para dividir e isolar a oposição mais conseqüente. Nosso esforço é de manter a oposição popular unida.

Na Assembleia Estadual, temos três partidos mais ou menos de oposição: o PMDB, o PT e o PTB, sendo que a PP circunstancialmente poderá ter atitudes oposicionistas. A realização da unidade desses partidos será possível em cima de fatos concretos. Ela começa agora, por exemplo, na luta contra a mudança da capital, e em outras campanhas de interesse do povo, como o Movimento Contra a Carestia".

# Os hospitais estão nos matando

Hospitais ameaçando fechar, greves de médicos e funcionários, pacientes mortos por mau atendimento, tumultos em postos assistenciais. Este é o retrato do colapso do sistema de saúde.

"Uma criança de 3 meses morreu de desidratação num hospital da Zona Leste, em São Paulo, capital. Os pais são segurados do INAMPS, e após correrem vários hospitais, conseguiram internar a criança no hospital de Ferraz de Vasconcelos, que é um verdadeiro cemitério. Depois de 10 dias, tiveram de tirá-la de lá porque o hospital não prestava. Levaram a criança para outro hospital, mas ela estava muito fraca e morreu na fila".

Esta denúncia, feita durante uma manifestação de mil pessoas, no bairro de Cangaíba, em São Paulo, para protestar contra a falta de atendimento médico pelo INAMPS, revela a caos em que se encontra a previdência social brasileira — a qual milhões de assalariados são forçados a recorrer, por não terem condições de procurar um médico particular. Mostra também o descaso com que o povo é tratado pelos hospitais do governo e particulares, embora estes sejam sustentados pelos descontos de 8 por cento dos salários, destinados ao INAMPS.

## Uma doença crônica

Esta situação não é nova. O atendimento médico à população sempre foi precário. Mas a situação tornou-se ainda mais grave a partir de 1974, quando as verbas oficiais para o setor da saúde passaram a sofrer drásticas reduções, em consequência da crise econômica. O resultado foi uma deterioração geral nos hospitais públicos, onde passou a faltar de tudo. Nos hospitais particulares, que lutam para manterem seus lucros a qualquer custo, aumentaram os casos de fraudes, enquanto o número de médicos e funcionários era reduzido ao mínimo.

Toda essa crise é resultado da política seguida pelo governo em relação à saúde

Na porta da fábrica:

do povo: em suas iniciativas para melhorar os serviços do INAMPS, procura na verdade manter as condições mínimas para que os trabalhadores continuem produzindo, ao mesmo tempo em que retira das empresas a responsabilidade pela manutenção da saúde de seus empregados.

## Surge o INPS

Uma das principais medidas do governo nesse sentido foi a criação, em 1967, do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS, depois INAMPS), unificando todos os órgãos previdenciários até então existentes. Este, ao invés de criar seus próprios hospitais, começou a contratar hospitais particulares e fazer convênios com empresas médicas — que se desenvolveram rapidamente a partir de 1964 — cuja única finalidade é o lucro: quanto mais pacientes atendidos, no menor tempo possível, melhor, pois estas recebem pela quantidade de serviços, e não pela qualidade.

A entrada das empresas médicas na previdência social, somada à impunidade dos membros do regime militar por suas falcatruas, geraram casos de corrupção a níveis sem precedentes em nossa história. No início deste ano, "desapareceram" 500 milhões de cruzeiros do INAMPS. As investigações estão sendo conduzidas em sigilo, o que permitirá que os "peixões" escapem facilmente, sofrendo as consequências apenas os envolvidos de menor importância.

Também são conhecidas as aquisições de sofisticados equipamentos hospitalares — como é o caso da unidade de cardiologia do Hospital das Clínicas de São Paulo —, favorecendo as camadas mais ricas, quando a população ainda morre de doenças já erradicadas em outros países, como a malária.



Junto às suas demais lutas, o povo passa a reivindicar com energia melhores condições de saúde.

Essa crise vem provocando a revolta de todos, desde o doente, obrigado a esperar dias ou até meses para ser atendido, até o médico, cansado da mercantilização da medicina, que o força a ser um "passador de receitas", atendendo muitas vezes um paciente em apenas 5 minutos.

## Saúde para todos

A insatisfação popular frente a essa situação tem sido expressa pelos quebramentos em postos do INAMPS e hospitais, que vêm ocorrendo com frequência nos últimos anos. E a população começa a se organizar para exigir que o governo preste contas do que está fazendo com o dinheiro do INAMPS, como foi o caso da manifestação de Cangaíba, promovida por diversas entidades da região leste de São Paulo, associações de médicos e parlamentares.

Em uma das reuniões preparatórias da manifestação, um dos presentes definiu as metas do movimento pela saúde: "estão criando vários padrões na saúde, que são os convênios, o INAMPS, os hospitais particulares, etc. O que precisamos é de um padrão só, para podermos brigar contra ele só. O Estado tem que arcar com a assistência de saúde à população. Precisa acabar com as multinacionais dos remédios e dos hospitais. O povo tem que exigir essa mudança". (Dilair Aguiar)

## Ela viu o horror dos hospitais por dentro

Recebemos da leitora S., de São Paulo, uma correspondência mostrando a realidade dos hospitais de convênio com o INAMPS, vista por quem a conhece de perto:

"Sou médica e as vicissitudes do mercado de trabalho me forçaram, em certa época, a trabalhar em vários hospitais convênios com o INAMPS. Quero relatar aqui a realidade, que pude conhecer por dentro, dessa "máquina de fazer dinheiro" que são os hospitais de pronto atendimento, aos quais os governantes entregam a saúde de nosso povo.

"O primeiro dado importante a ressaltar é a forma de pagamento. Essas empresas recebem do INAMPS por volume de serviço, ou seja, quanto mais consultas, mais injeções, mais cirurgias, melhor. Dai já se pode concluir algumas coisas: uma consulta de dois minutos é lucrativa, uma de vinte já passa a dar prejuízo; é interessante internar muita gente, mas por períodos curtos. Esse sistema de pagamento, como disse um estudioso do assunto, é como pagar um juiz pelos anos de condenação que ele sentença, ou um bombeiro pelo número de incêndios que ele apaga!

"Normalmente esses hospitais são "tocados" por estudantes de 4º, 5º e até 3º ano de medicina, em plantões de 24 horas corridas e muito mal re-

numerados. São eles que fazem o atendimento "grosso" da porta, tendo sempre um médico figurão, que só aparece de vez em quando para dar uma olhadinha. Esse figurão, no fim do expediente, preenche as fichas de atendimento do dia, inventa sintomas e diagnósticos, e assina. E não se pense que todas essas mancadadas não sejam velhas conhecidas do INAMPS!

"As enfermeiras ganham salários baixíssimos, aprendem mal e mal a dar injeções e muitas vezes nem sabem ler os nomes complicados dos remédios. As enfermeiras de crianças ficam ao abandono e a criança chega a passar fome, fome no duro. Uma criança que já foi internada, em grande parte dos casos, volta, pois adquire outras doenças, ainda dentro do hospital.

"Procurei lembrar algumas das formas pelas quais o dinheiro que o trabalhador dá ao INAMPS é desviado para o bolso de alguns poucos "atravessadores da saúde". Só mesmo o povo organizado e decidido a lutar até o fim para derrubar completamente esse regime podre, que já não se agüenta nas pernas, pode mudar essa situação. A área da saúde é uma das peças do sistema falido que precisa ser destruído para que em seu lugar o povo edifique uma nova vida, na qual a saúde seja um bem comum". (S., São Paulo, SP)

# A Philco é um caso de morte

Operárias da Philco, revoltadas, revelam um escândalo que a imprensa não deu: o caso de uma colega obrigada a trabalhar doente, até a morte.

Maria Aparecida fômo uma injeção na enfermaria da fábrica e morreu. Era nordestina, 23 anos, operária da Philco do Tatuapé. Trabalhava há três meses na seção de acabamento de bobinas. O crime foi abafado pela direção da empresa. Mas causou grande indignação entre as colegas da moça. E graças a isso a notícia correu.

Interrogadas sobre o assunto na porta da Philco, as operárias se retraem. Muitas revelam certo medo e evitam inclusive serem vistas conversando com a repórter. Outras afirmam terem ouvido falar no caso, mas não querem fazer comentários. Num grupinho de cinco operárias, uma delas resolve falar: "A gente precisa denunciar. Essas coisas não podem continuar acontecendo".

## Deram-lhe cinco injeções

Ao ouvir o papo, várias outras trabalhadoras se aproximam, e então todas querem contar o que sabem. E relatam: "Segundo a família, Maria Aparecida sofria de alguns problemas leves de tensão. Na sexta-feira anterior à sua morte, ela sentiu-se mal e foi à enfermaria. Deram uma injeção. Ela continuou se sentindo mal e acabou tomando 5 injeções, para poder voltar ao trabalho. No dia seguinte, chegou à fábrica toda roxa, como se estivesse com intoxicação. E não passou a semana bem. Na quinta-feira, voltou à enfermaria e aplicaram novas injeções. Quando chegou em casa, não quis comer, tomou muita água e foi dormir. No dia seguinte, quando a tia foi chamá-la para o café, ela estava morta, retorcida, com a boca cheia de espuma branca. A polícia levou o corpo para o Instituto Médico Legal, juntamente com as receitas e medicações que ela estava tomando. Foi enterrada dois dias depois. Mas o atestado médico só saiu dez dias após o enterro. E preciso dizer que ela estava só há três meses na Philco. E para entrar lá, eles exigem um exame rigoroso. Quem tá doente não entra".

## "Na enfermaria eu não vou"

Uma operária com muitos anos de casa conclui: "Minha filha, eles só gostam da gente quando tá boa. Quando fica doente, que se lasque!" Ainda no fim do ano passado, outro trabalhador da empresa morreu. Era um senhor de cerca de 40 anos. Teve um enfarte bem cedo, logo que chegou à fábrica. O médico só chega depois das oito. Antes, ninguém pode ficar doente. E não tem nem ambulância na firma. Levaram o operário de carro para o hospital do COMEPA, que tem convênio com a empresa e é muito longe. Resultado: ele chegou mor-



As empresas matam operários, e ninguém paga por esses crimes.

to. E podia ter sido atendido numa série de hospitais e pronto-socorros próximos da Philco. Mas aí a empresa teria que pagar...

Outra operária, de meia idade, afirma categoricamente: "Lá na enfermaria eu não vou nunca. Prefiro morrer sozinha". Uma outra acrescenta: "é isso mesmo. Os médicos não examinam o doente, não tiram temperatura, nada. Têm ordem de botar ele em condições de voltar ao trabalho. Qualquer dor que a gente tem é Buscopan na veia; qualquer infecção, Benzatril". Chegando perto do grupo, uma operária morena e baixinha exhibe os braços cheios de manchas roxas e declara: "Eu me senti mal, faz uns dias. Na enfermaria me deram Benzatril. Aí eu fiquei toda roxa e voltei na enfermaria. Eles disseram que não era nada, que eu podia trabalhar. Aí resolvi perder o dia e fui ao hospital. Lá, me disseram que se voltasse a tomar essa tal injeção morria".

## O salário é uma mixaria

As doenças profissionais são muito comuns na Philco. As operárias citam as que mais ocorrem entre elas: treme-deira; diarreia; problemas de estômago; inflamação nos olhos, decorrente do contato com gases; gastrite; úlceras. O trabalho é muito insalubre em vários setores, como o da solda. E exige muita concentração. Daí os problemas nervosos.

E nada disso ocorre por acaso. Assim que é admitido na firma, o operário começa a perceber que não passa de uma peça a mais na engrenagem destinada a produzir lucros para os patrões. "A gente é tratado como um objeto. Muda de seção e de função como jogador de futebol. E não recebe nada a mais por isso. Eu já cheguei a fazer trabalho de dois aí dentro. E eles (os patrões) não reconhecem". Quem fala é um jovem operário do setor de pré-produção, com mais de um ano de casa e salário de apenas 19 cruzeiros por hora. Ele acres-

centa revoltado: "É uma mixaria, não dá pra nada". Menos de 4.500 cruzeiros por mês para a maioria dos operários.

## Comida ruim como o diabo

A disciplina de trabalho é rígida. As seções reúnem centenas de operários, para melhor explorar seu trabalho. "Na linha de produção de TV a cores, as operárias não podem virar a cabeça para trás, nem pedir reserva para ir ao banheiro, senão atrasa a produção. Tem que pedir à vizinha, esta pede à outra, até chegar ao chefe, que pode mandar ou não a reserva".

O horário de almoço varia de meia a uma hora. São tantos os operários e tão lotados os refeitórios que as operárias almoçavam no banheiro e no vestiário para não entrar na fila. "A comida é ruim como o diabo", afirma uma trabalhadora. E, rindo, acrescenta: "Pode escrever aí: A carne é dura, parece borracha. Tem bicho na salada, pedra e barata no feijão". E custa 520 cruzeiros por mês, quase um oitavo do salário médio.

Hora extra "é a maior pressão. O contra-mestre fica perguntando porque não faz, o que vai fazer no sábado, no domingo, no feriado". Passando a mão na cabeça como para afastar o cansaço, a jovem operária desabafa: "Quanto mais se trabalha, parece que se ganha menos. Não compensa; a hora extra não paga a cansaça, a falta do namorado, da família, dos amigos".

## Único jeito é lutar

E como resolver tudo isso? Surpreendidas pela pergunta, as operárias, jovens e velhas, hesitam. Depois, uma arisca: "Não sei não, dona. Mas a gente tem que denunciar, isso é um começo". Outra acrescenta: "tem que se juntar, fazer greve. O único jeito é continuar lutando, né? Se unir contra os patrões. Senão, que vamos fazer? Sozinho, aqui, a gente não é nada". (Olívia Rangel e Sérgio Teixeira)

Velha operária de Minas:

# "A greve foi uma beleza"

Dona Isabel mora em Contagem, cidade industrial ao lado de Belo Horizonte. Mulher de um pedreiro, tem seis filhos e já é avó. Os filhos adultos, dois rapazes e uma moça, são operários, como o pai e a mãe (durante muito tempo ela foi ajudante de pedreiro do marido). Apoiou de todo o coração as greves do ano passado em seu Estado. A grande greve dos operários da construção civil a emocionou até hoje:

"A greve foi um beleza. Em vez de matarem o operário, quem devia ter morrido era um destes que vivem à custa do pobre servente de pedreiro e do pedreiro, que ganham 3 mil cruzeiros!"

A família de dona Isabel vive em uma casa modesta, no bairro Industrial, em sua parte mais abandonada, a 3ª seção. As ruas não têm calçamento, são esburacadas e cheias de lama. Como não há rede de esgotos, a água servida escorre a céu aberto. Para maior revolta dos moradores, eles têm de pagar impostos duplamente — às prefeituras de Belo Horizonte e de Contagem —, porque ainda não se decidiu a qual dos municípios pertence o bairro. O governo só lembra deles para pagar imposto, cobrar taxa de água, lixo e esgoto. E só o que tem é água, que muitas vezes falta.

"Eu é que sei quanto é duro o serviço de pedreiro. Tem muita propriedade aí feita pelas mãos minhas e do meu marido. Também sou eletricitista", conta dona Isabel.

## Sem condições de vida

"O brasileiro não tem mais condições de viver", diz. "O salário reajusta de seis em seis meses. E o custo de vida sobe toda semana. O operário está numa vida de fome. Já não se faz feira, não se compra verduras, frutas. Não se compra nem banana! Mal dá para um arroz, feijão, gordura, sabão. Carne, quem pode comprar, se o quilo está a 180 cruzeiros? E o frango, a 50 cruzeiros o quilo?"

Duas filhas estudam. Mas ela acha que só irão até a 8ª série. "Filho de pobre não pode estudar. A 8ª série hoje em dia não vale nem para ser balconista. Meu filho quis fazer faculdade, mas só a matrícula é 3 mil e 800 cruzeiros. Desistiu".

## INPS é uma vergonha

"A gente levanta as 3 da manhã, entra numa fila enorme do INPS e quando chega sua vez, não tem mais ficha. Um

homem precisou ameaçar o guarda com um faca para conseguir uma ficha! E quando conseguimos chegar ao médico, ele nem olha para nossa cara, nem examina, empurra para outro. Quando você chega a pegar o resultado dos exames, se tiver de morrer, já morreu!"

Faz questão que sua entrevista saia. Conta com seu jeito decidido:

"Outro dia veio um repórter da TV Globo fazer uma reportagem aqui. Como eu e outra vizinha metemos o pau nos dois prefeitos, não passaram a gente na TV. Eu acho que se tomaram meu tempo de me perguntar é obrigação publicar. Falei bobagem, falei mentira, falei errado ou falei certo, põe. E deixa a polícia resolver o resto comigo". (Antônia Soares, da Sucursal de Minas Gerais)



Centro de Documentação e Memória  
Arquivo Gráfico

Campanha dos metalúrgicos:

# CHEIRO DE GREVE NO ABC

Primeira assembléia da campanha em São Bernardo surpreende.

Comparecimento maior ainda que em 1979.

Definida pauta de reivindicações e as tarefas do momento:

Encher um estádio na assembléia do dia 16

e não fazer mais hora extra, que é o fundo de greve do patrão.

Metalúrgicos da Volks saíram na vanguarda.

Ala das prensas parou no sábado para ir ao Sindicato.

O auditório do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo estava lotado, com gente em pé nos corredores, nas escadas, no balcão. A palavra de ordem foi: "Daqui para frente cada um de nós tem que se transformar num gigante, discutindo com os companheiros da fábrica e levando todos para encher outra vez o Estádio de Vila Euclides, no dia 16 de março". E a primeira decisão: "nenhuma hora extra porque hora extra é o fundo de greve do patrão". Decisão que já começou a ser cumprida. No dia seguinte, sábado, o setor de prensa da Volkswagen, que estava fazendo hora extra, suspendeu o trabalho e foi para o sindicato participar da segunda parte da assembléia.

## Os preparativos

A primeira fase da campanha foi a preparação do terreno, com reuniões por empresa e eleição de delegados. Em São Bernardo foram 236 dessas reuniões, que escolheram 425 representantes de fábrica para formar a comissão salarial, a cabeça do movimento.

Nem tudo são rosas. Sentiu-se falta, mais uma vez, de uma organização sólida dentro das fábricas. Este ponto fraco do movimento operário brasileiro ainda não foi superado. E o resultado é que muitos ativistas de valor, que se revelaram nas greves de 1978 e 79, ainda não estão atuando organizadamente este ano.

Mas houve também iniciativas novas e positivas, como as reuniões com oito associações de bairro, para ampliar a base de sustentação da campanha.

## "Nenhuma hora extra"

Não são só os operários que se preparam. As multinacionais, o patronato e o governo também estão em plena atividade. Vencer os metalúrgicos é seu grande objetivo. Estão aumentando as equipes de segurança das empresas. E o ministro-banqueiro Murilo Macedo, numa discussão com o presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, David de Moraes, disse que, se houver greve, ele vai intervir e não vai devolver mais o Sindicato dos Metalúrgicos.

Outro bom exemplo é este telegrama, emitido pela direção da Volkswagen:



O auditório do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo foi pequeno para a combatividade da categoria.

"Comunicação interna. Data — 22/2/80. Nº Cod: 034/80. Pedimos efetuar alteração da quantidade da ATE 0569/9 AE de 31.579, de 3.025 para 6.325 mecanismos. Motivo: Obter da fábrica ZF do Brasil, a curto prazo, maior capacidade de produção para a formação de um estoque de 5 dias para prevenção contra a greve dos metalúrgicos do ABC. Esperamos suas urgentes providências".

Os metalúrgicos de São Bernardo apelaram para seus companheiros da ZF, de São Caetano, para que não produzam esses mecanismos. Firmaram também a decisão de não fazer horas extras, pois, na véspera de uma campanha salarial, elas são "o fundo de greve do patrão".

## Volks sai na frente

Logo no dia seguinte o pessoal da ala de prensa da Volkswagen deu o exemplo. Eles pegaram no serviço às 5:30 da manhã, para fazer hora extra até às 15:30. Mas, quando souberam da decisão da as-

sembléia, resolveram sair sem nem cumprir as oito horas. Logo às 8:30 saiu o pessoal da prensa leve, liderado pelos fermenteiros da ala. Às 11:15 os operários da prensa pesada aderiram ao movimento. E foram todos para o Sindicato, onde estava se realizando a terceira "etapa" da assembléia, para mostrar, com seu exemplo, que a luta já começou.

## Prova de força

Os preparativos de parte a parte mostram que vai haver uma verdadeira prova de força no ABC. Clima de greve existe. Na assembléia de São Bernardo o cheiro de greve estava no ar. Mas isto não é tudo. E também não basta começar a paralisar. Foi o que os operários do ABC aprenderam no ano passado, quando a ditadura interveio no Sindicato. A confusão foi grande e teve metalúrgico comentando: "A gente tá parecendo órfão de pai e mãe!".

Para ninguém ficar órfão, muitos par-

ticipantes da assembléia de São Bernardo insistiram na importância do trabalho dentro das empresas. Uma greve de verdade nasce na fábrica, sustenta-se na fábrica, triunfa ou fracassa na fábrica. E ali que se decidirá a parada.

Com o mesmo objetivo, organizou-se o fundo de greve, sob a forma de uma "Associação Beneficente e Cultural", sustentada pelos próprios operários, com mensalidades de 30 cruzeiros. E mais uma iniciativa pioneira, e importante, pois a batalha vai ser dura. Djalma, da diretoria do Sindicato de São Bernardo, comentou: "Talvez nós vamos ter de fazer 60 dias de greve".

## S. Bernardo tem de puxar

O clima ainda é frio nas outras cidades do ABC. "Agora — diz um operário — estamos muito preocupados com Santo André e São Caetano do Sul, pois sentimos que as diretorias estão em cima do muro. Não estão mobilizando a categoria".

# A lei salarial é uma armadilha

Concede, de seis em seis meses, os mesmos reajustes de arrocho que antes eram anuais. Tenta dividir os trabalhadores e acima de tudo não toca nos lucros dos capitalistas.

A nova política salarial é uma armadilha para os trabalhadores. Parte de um recuo — a reajuste semestral — que na prática as categorias mais organizadas já haviam conquistado ao desmoralizar a lei antiga. Mas mantém disfarçado o arrocho, procura dividir os trabalhadores através das faixas salariais e conserva intactos os lucros das empresas, fazendo a divisão da renda apenas entre os assalariados. Isto já está demonstrado pelos quatro meses de aplicação da nova lei.

## O novo índice, o INPC, mantém os salários arrochados, pois fica abaixo da inflação.

Os índices salariais, (INPC), desde novembro calculados pelo IBGE com base em levantamentos feitos em dez capitais, dos quais se tira uma média, foram todos, com exceção deste último, inferiores aos índices de inflação apurados pelos próprios órgãos oficiais. Por isso, no ano passado, os maiores reajustes conseguidos pelos trabalhadores foram de 67%, enquanto o aumento do custo de vida alcançava 77%.

Diante dos protestos dos trabalhadores, o governo foi obrigado a recuar neste aspecto. Agora, o IBGE faz os levantamentos que quem prepara os índices é a Fundação Getúlio Vargas (FGV). O índice de preços foi que o INPC chegou a 40,9%, é o primeiro a sofrer com a inflação. Mas só para os salários mínimos. O chamado índice para chegar a uma meta de 10 mil recebeu um aumento de 20%.

Agora mesmo se diz que para os metalúrgicos do ABC e interior paulista se fixará "no máximo" uma taxa de 5 por cento de produtividade. Entretanto, os balanços das empresas falam de enormes lucros. A Volkswagen, por exemplo, teve, segundo o balanço anual, um lucro de 4,8 bilhões de cruzeiros em 1979, equivalente a 33 por cento do seu patrimônio líquido. O grupo Votorantim, que no ano passado teve seu patrimônio total praticamente dobrado, de 27 para 50 bilhões de cruzeiros, obteve um lucro

não conseguiu aumento nenhum, mas apenas conservar o mesmo salário real. Isso para quem ganha até 10 salários mínimos. Todos os que recebem acima de 11 salários mínimos não conseguiram nem mesmo recuperar o que perderam com a inflação.

## Produtividade é forma de desviar a luta, para não tocar nos lucros do patrão.

A divisão da renda foi feita entre os próprios assalariados, os que ganham mais perdendo em favor dos que ganham menos. Além de o governo esperar que essa situação promova a discórdia entre os trabalhadores, o outro grande resultado foi que os lucros das empresas continuaram praticamente intocados.

A taxa de produtividade, além de ser de difícil verificação porque as empresas negam-se a fornecer os dados reais, tem sido fixada arbitrariamente pelo governo, variando entre 2 e 5 por cento. Os trabalhadores fazem bem em não levar em consideração essa questão da taxa de produtividade na qual o governo vem insistindo. Aumento da produtividade significa aumento de trabalho e de exploração. Portanto, aumento de salário por produtividade, na verdade, não é aumento, mas só pagamento por mais trabalho. Aumento real de salário tem que sair é do lucro do patrão.

## Maior desemprego será um dos resultados diretos da nova lei, que incentiva dispensas.

Agora mesmo se diz que para os metalúrgicos do ABC e interior paulista se fixará "no máximo" uma taxa de 5 por cento de produtividade. Entretanto, os balanços das empresas falam de enormes lucros. A Volkswagen, por exemplo, teve, segundo o balanço anual, um lucro de 4,8 bilhões de cruzeiros em 1979, equivalente a 33 por cento do seu patrimônio líquido. O grupo Votorantim, que no ano passado teve seu patrimônio total praticamente dobrado, de 27 para 50 bilhões de cruzeiros, obteve um lucro

líquido de 2,9 bilhões de cruzeiros, 20 por cento sobre o patrimônio líquido.

A prova de que a nova lei salarial provoca o aumento da rotatividade no emprego veio já em dezembro, logo depois de a lei entrar em vigor. Segundo pesquisa realizada pelo Sistema Nacional de Emprego, uma redução do número de empregos, variando entre meio por cento e um por cento, ocorreu, em dezembro passado, em todas as dez regiões metropolitanas do país. E isso ocorreu para que as empresas não precisassem pagar o reajuste de 22% a seus empregados, demitindo grande número deles e empregando outros por salários mais baixos.

Esses dados mostram que o governo e as empresas estão usando a política salarial para jogar o ônus da crise econômica sobre os trabalhadores. Tanto que, apesar da crise, as empresas, principalmente as monopolísticas, estão obtendo grandes lucros. Ninguém se esquece de que foi à custa do arrocho que se promoveu a industrialização dos anos recentes. E que as perdas salariais de todo esse período não foram recuperadas.

## Os salários no Brasil estão entre os mais baixos do mundo. Salário bom só na luta.

Os salários no Brasil continuam muito baixos, estão entre os mais baixos do mundo, o que permite esses lucros gigantescos das empresas. E a nova lei salarial pretende manter esses níveis salariais rebaixados.

E por isso que para obterem salários realmente melhores os trabalhadores não podem aceitar negociar dentro dos limites dessa lei. Ao contrário, só o conseguirão se lutarem contra essa armadilha e fizerem as reivindicações que atendam de fato às suas necessidades, conquistando na luta a liberdade de negociação dos salários. Suas vitórias vão depender da disposição de lutar e da criação de formas de organização adequadas para enfrentar duras batalhas. Força para conquistá-las os trabalhadores têm. O que precisam é por essa força em ação, organizadamente.

"Não há organização dentro da fábrica", reclama uma metalúrgica da CO-FAP. Mas muitos acreditam que o atraso gerado pelo acomodamento das direções sindicais será superado. "Santo André e São Caetano estão de olho em São Bernardo", diz um operário da Volks. "Quando São Bernardo puxar a luta, os outros entrarão também".

## "Vamos encher o campo"

Assim, São Bernardo fica, mais uma vez, com a responsabilidade extra de liderar a luta. E o próximo passo será a grande assembléia de domingo 16, às 10 horas, no Estádio de Vila Euclides.

Vai ser de certa forma um teste. Agora não é só a diretoria que convoca uma assembléia. Nem apenas umas centenas de delegados de empresa. Agora são os 3 mil metalúrgicos que participaram da assembléia (feita em três "etapas"). Serão 3 mil "gigantes" trabalhando para levar o grosso da categoria ao Vila Euclides.

No ano passado 80 mil metalúrgicos lotaram o Estádio. E desta vez? Pergunto a Expedido, da diretoria. "Pode escrever aí — responde ele — que vamos encher de novo o campo".

## Um quadro que mudou

Ao meu lado, na assembléia, está um metalúrgico um pouco mais velho do que a média. Terá seus trinta e tantos anos. Puxou conversa e fico sabendo que ele passou dez anos longe de São Bernardo, de 1969 a 79 (quem sabe por perseguição política?). Pergunto o que mudou nesse tempo e a resposta vem clara, mastigada, uma resposta de quem já pensou muito no assunto: "Por um lado, a situação apertou. Naquele tempo ainda dava pra comer. Hoje a miséria é bem maior. Por outro lado, aumentou muito o nível do pessoal, o nível cultural, o político. Aumentou também a concentração da classe nas grandes empresas, o que ajuda. E tem a saída do Paulo (ex-presidente do Sindicato, hoje vereador pró-Malu) e a entrada do Lula, um líder que sabe se comunicar com o pessoal e está jogando um papel nesta etapa da luta. O passo que precisa ser dado agora é a organização independente do trabalhador na fábrica. Isso ainda falta." (Bernardo Joffily)



# Motoristas com o pé na tábua

"Se nós vamos ganhar as eleições? Não resta a menor dúvida! A única preocupação é a fraude". Oswald, vinte e poucos anos, olhar irrequieto e uniforme de motorista, fala com segurança. Ele e seus companheiros da Chapa 2 estão partindo com tudo para derrubar o pelego encastelado há 18 anos no Sindicato dos Condutores de Veículos do ABC paulista.

## GARRA E CHAPEU DE BICO

O despertar da categoria vem de março do ano passado, quando a greve metalúrgica agitou todo o ABC. Os motoristas também entraram na briga, mesmo fora da época da sua campanha: fizeram uma assembléia de mais de mil pessoas e pararam todos os ônibus durante 8 horas.

"Foi aí que a gente viu como eram as coisas. O Sindicato fechou as portas para nós e chamou a polícia. Nós nos reunimos nos têxteis, mas fomos traídos de cara. Na saída da reunião fomos todos presos".

Depois disso, os líderes do movimento resolveram partir para a oposição, que hoje atua nas 63 empresas e tem a preferência dos 25 mil membros da categoria. Um instrumento importante para isso é o jornalzinho mensal "Chapéu de Bico", que acompanha passo a passo as lutas dos motoristas e teve

papel destacado na campanha salarial. Outro fator é a unidade combativa. Uma terceira chapa, que queria a conciliação com os pelegos, terminou se esvaziando e nem saiu.

## MOTORISTA E COBRADOR

As eleições serão só em abril, mas a Chapa 2 já lançou o seu programa. Um programa de unidade e ação combativa, pois, como diz Oswald, "o que tem de cachorrada nas empresas não está escrito".

Um dos primeiros pontos, logo depois da "negociação direta com os patrões", é "contra a dupla exploração do trabalho do motorista-cobrador". E que as empresas de transportes coletivos do ABC, para aumentar o lucro, não colocam cobrador nos ônibus. Quem cobra a passagem é o motorista, com prejuízo para ele, para os passageiros e para a segurança do trânsito. Só quem ganha com isso são os patrões, que economizam na folha de pagamento.

O programa trata também de outros itens, desde a jornada de 6 horas até o "apoio e participação nas lutas dos setores populares", a criação da Central Única dos Trabalhadores e o direito de greve.

Com essa plataforma e a experiência acumulada pelos motoristas do ABC desde 1979 a Chapa 2 parte para as eleições seguras de que vai ganhar.

## 1º de Maio de unidade dos trabalhadores

Os sindicatos mais combativos do país, reunidos na Intersindical, adotaram este mês uma posição que terá grande repercussão. Decidiram lutar em toda parte por um 1º de Maio unificado. Isto quer dizer que, em cada cidade ou região, deverá haver uma só comemoração do dia internacional da solidariedade entre os trabalhadores. A importância da decisão aumenta porque o eixo do 1º de Maio unitário será a luta contra a política salarial de arrocho imposta pelo regime. Sustentados por esta decisão, os trabalhadores conscientes de todo o Brasil já começam a batalhar para dar, neste dia do trabalho, uma demonstração da força da união e da decisão combativa do movimento operário, na luta por seus objetivos econômicos e políticos, a curto e a longo prazo.

# Fala o Povo

Só excepcionalmente e por darmos grande importância à luta e à organização das mulheres, nós reduzimos, nesta edição, o espaço para as cartas de nossos leitores. No próximo número voltaremos às duas páginas. Continuem a escrever denunciando a exploração e a opressão e contando suas experiências de luta. A troca de experiências fortalece a organização de todos os trabalhadores. E Fala o Povo é a parte mais lida da Tribuna Operária.



## Mutilado de 32 até hoje sem pensão

Em 1932 houve a Revolução Constitucionalista — operários, estudantes, gente humilde, pegaram em armas para defender São Paulo (na verdade era para defender os ricos, que escondiam seus filhos nas fazendas...) Muitos voltaram mutilados, outros deixaram mulheres viúvas, outros foram mortos nas cadeias.

Dos que sobraram, muitos já morreram de velhice, outros (os mutilados, como eu) não acharam emprego e vivem de favor na casa de algum filho, que também tem sua própria família e poucos recursos.

No governo há dinheiro para

banquetes, para medalhas e honrarias aos visitantes estrangeiros. Maluf quer construir cidades, e os veteranos de 32 são esquecidos. Houve até um decreto para uma pensão aos que tomaram parte na tal revolução. Recentemente, para ter direito a essa "pensão-esmola" exigiram de nós uma porção de papelada, documentos, fotografias...

Já estamos em fevereiro de 80, e até agora nada. Será mais uma das famigeradas tapeações ou o governo pensa que vamos chegar aos 100 anos de idade? O que há de verdade com o tal decreto? (A.N. ex-veterano de 1932 - Campinas, SP)



## Amazônia realeza

Tens em ti toda beleza  
De uma jovem varonil  
Es rica em espécies  
Que Deus deu ao Brasil.

Porém sinto resvoar  
A desgraça de ameaça  
Num impeto grito bem alto  
Vamos tentar te salvar!

Vejo em ti toda beleza  
D'uma rainha altaneira  
Só não posso suportar  
Assistindo a realeza.

No teu seio vejo tudo  
A beleza que contorna  
Pássaros de toda forma  
Encantando todo mundo.

Porém vejo em muitos cantos  
A tristeza que assola  
Onde está o uirapuru  
Que não vejo nesta orla?

Como posso me sentir  
Se um dia eu ficar  
Sem ouvir o teu cantar  
Meu amigo sabiá?

Vejo em ti a todo instante  
Muita falta de amor  
O homem se apaixonando  
Com a imagem do terror

Amazônia do passado  
Abrigo da mulher guerreira  
Será que vais transformar-te  
Em deserto de areia?  
(A.A.M. - Xapuri, Acre)



## Patrão implanta ditadura na Flexoform

Na Flexoform os operários estão revoltados com a implantação de um regulamento que está tirando os mais elementares direitos da pessoa humana.

O regulamento proíbe os operários, entre outras coisas, de entrarem na área industrial com lanches, guarda-chuvas, pacotes ou qualquer objeto que não vá usar no serviço. Um outro item proíbe os operários de jogar palitinho, bater papo ou fazer grupinho na hora do almoço.

Na saída da fábrica os operários são humilhantermente revistados,

com sacolas reviradas, pacotes rasgados etc., causando atritos com os elementos da portaria.

Esses mesmos patrões, por ocasião da última greve, foram ao sindicato e queriam a todo custo cancelar a sindicalização dos operários da Flexoform. Eles querem passar por cima de todos os direitos e conquistas dos trabalhadores. Se esses patrões não reverem suas atitudes logo terão uma surpresa por parte dos companheiros da Flexoform. (Um grupo de operários da Flexoform Guarulhos, SP)

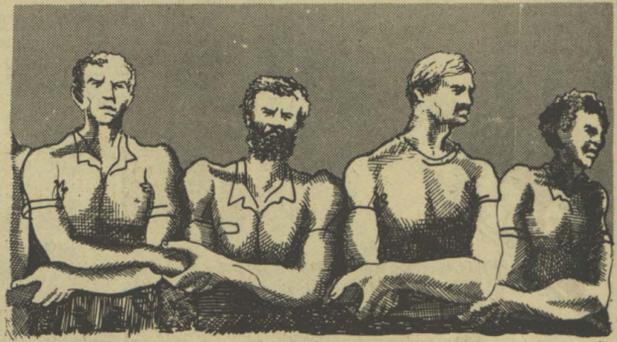
## Local para almoço pode?

A Metalúrgica Sapucaia, na Vila Prudente, com dez operários, não tem um refeitório, com a desculpa de ter número pequeno de funcionários. Eles almoçavam numa sala menos ruim do prédio, até que os expulsaram com a placa "Proibido almoçar", com a desculpa que seria a sala do patrão, o que era mentira e revoltou os funcionários, pois a verdade é que aos fins de semana os filhos do patrão curtem com os amigos projeções de filmes na sala, toda acarpeta.

A fiscalização do trabalho por duas vezes chamou a atenção do patrão e logo foi subornada, com cheque preenchido por funcionário

da firma. Enquanto isso os operários estão almoçando junto à oficina, com porcas, parafusos e toda a sujeira e ainda agüentando o horrível cheiro do banheiro, que muitas vezes está entupido.

Com essa situação, com os maus-tratos do patrão e ainda salário baixíssimo, os funcionários estão revoltados e conscientes que o patrão só quer explorar para lucrar e que a classe operária tem que se unir para lutar contra a desigualdade de classe e esse imperialismo que fortalece os patrões. (Operário da Metalúrgica Sapucaia, SP)



## Na Iderol operários criam comissão de fábrica

Na Iderol, fábrica que ficou totalmente parada até os últimos dias da greve passada, onde existe um pessoal unido e lutador, formou-se uma comissão de fábrica.

A comissão é formada por seis dirigentes e seis suplentes que foram democraticamente eleitos pelos demais companheiros da fábrica. A comissão foi reconhecida pelos patrões e seus membros estão com estabilidade de um ano e meio. A gestão da comissão será até 27 de dezembro deste ano, quando haverá novas eleições. Só poderão concorrer os operários que não ocuparem cargos de chefia ou supervisão.

A comissão está se reunindo de

15 em 15 dias. Das últimas reuniões já foram conquistadas algumas coisas, como: 1) macacões ou uniformes gratuitos para todos os empregados; 2) que nos dias de pagamento os patrões dêem 15 minutos antes do término do serviço, para que todos possam receber; 3) melhor tratamento dos chefes para com os operários (os chefes estão fazendo um curso de relações de trabalho); 4) foram conseguidos 20 minutos de reunião dos membros da comissão antes da reunião com os representantes da empresa.

Os companheiros estão animados e prometem mais coisas daqui para frente. Avante, companheiros! (Um operário da Iderol - Guarulhos, SP)



## Enfermeiros têm receita para dobrar patrões

Os trabalhadores em hospitais de Curitiba também entram na luta por melhores condições de vida e de trabalho.

Tudo começou devido a problemas referentes ao horário de trabalho. Mas o pessoal viu que a coisa não parava aí, a exploração era bem maior. Ai, as reivindicações foram aumentando e com elas o número de trabalhadores mobilizados: seis salários para técnicos em enfermagem, 5 para auxiliares, 4 para atendentes, di-

reito a três uniformes por ano, garantia de emprego por 180 dias após o período de gestação, são algumas das reivindicações dos enfermeiros, que além de contarem com a intransigência dos patrões, ainda têm contra si as artimanhas do pelego Lemos, presidente do sindicato.

Tudo isso porém será superado pela organização, união e disposição de luta do pessoal. Já foi realizada uma assembléia independente do sindicato, onde o pessoal

obrigou a diretoria a tomar uma posição. Com isso conseguiram que advogados trabalhistas de confiança dos enfermeiros fossem contratados. Realizaram também uma passeata no centro da cidade e com isso o movimento vai ganhando força, já começa a dar respostas aos patrões. Nos hospitais Cajuru, N. Sra. das Graças e Evangélico ocorreram paralisações devido à punição de trabalhadores e atraso de pagamentos. No Cajuru os patrões cederam em menos de uma

hora de paralisação. (...) Os estudantes da área de Saúde e os médicos residentes já manifestaram seu total apoio à luta, pois conhecem de perto todas as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. (...) A solidariedade vem também de todas as entidades democráticas e, com certeza, de todo o povo, que também é vítima desses elementos que usam nossa saúde como fonte de obtenção de lucros. (Um enfermeiro paranaense - Curitiba, PR)



## Terra brava

Desce o homem nordestino,  
larga o sertão agreste  
Atravessa a grande serra,  
parte para nova estação

Sai de sua terra, larga o sertão  
Vem homem do mato,  
atrás de teu pão  
Chega de tristeza,  
o gado já morreu  
Sua fonte já secou  
O sol queima seu rosto,  
A chuva não chegou  
Anda no grande deserto brasileiro,  
Cheio de pobreza,  
cheio de incerteza  
Anda pobre homem nordestino  
Atrás da terra prometida  
Traz a Virgem Maria  
guardada no coração  
Veio da pobre terra  
Chega à grande estação.  
(S.R.P. Belo Horizonte, MG)

## Vamos nos organizar até termos força

Na nossa greve de novembro nós, da construção civil, tivemos uma vitória política muito grande, que foi a participação geral da classe na luta.

Se não tivéssemos uma vitória econômica, o aumento exigido, foi por nossa falta de organização e pelo fato do pelego do sindicato ter estado contra a categoria, traindo nossa luta. Aprendemos muito e daqui para frente a coisa vai mudar. Aos poucos nossa organização vai aumentando. A luta é dura, mas vamos em frente.

Tivemos muitas perseguições por causa da greve. Na firma Irmãos Tha foram demitidos por "justa causa" 14 companheiros que participaram da greve. (...) Na H.D. houve muitas demissões. Durante a greve mandaram cerca de 180 companheiros combativos e

depois muitas centenas mais, alegando término da obra. (...) Na Mellos Campos, subempregados da H.D., o gato safado não pagou os empregados desde 23 de dezembro. Mandou os peões embora e pagou o 13º pela metade, não acertou conta com os aumentos e pagou só a metade do saldo dos operários demitidos. Prenderam a carteira de 15 operários grevistas, sem dar baixa para eles se virarem em outro emprego.

Na maioria das outras firmas houve demissões por causa da greve. Obrigaram os que ficaram a fazer horas extras. Na Sabamori, Independência, Vaticano, Taba etc., eles dizem que quem não fizer hora extra fica manjado e entra no "facão".

Isso tudo acontece porque vivemos sob um governo que pouco se

importa com o povo, que favorece os empresários, principalmente os estrangeiros, que vivem do suor do povo brasileiro. Mas no dia em que a classe operária e os lavradores foram os dirigentes do país sujeiras como essas não mais acontecerão. Pois aí viveremos numa democracia onde o povo terá o controle. Numa democracia do povo, sem explorados e sem ladrões.

Até lá muita luta e muitas greves surgirão, mas a vitória será nossa pois o povo é maioria. Vamos nos organizar para conquistar os sindicatos, nos organizar nas vilas, nas favelas, nas fazendas, nas escolas, nos hospitais, nas igrejas, em toda parte, até nós termos força para conquistar nossos direitos. (Grupo de amigos da T.O. na construção civil - Curitiba, PR)

## A tribuna dos metalúrgicos de Curitiba

O surgimento da Tribuna Operária foi um fato de grande importância para o fortalecimento da organização popular aqui em Curitiba. No seio da classe operária ele tem tido aceitação exemplar das bases do movimento operário que o conhecem, notadamente os metalúrgicos.

Nossa categoria teve uma greve mobilizada a partir das bases, com uma vitória relativamente boa apesar da inexperiência da classe em movimentos. Depois houve um declínio. Houve delações de companheiros combativos por parte da diretoria do sindicato, o que fez com que esses companheiros fossem demitidos.

A Oposição Metalúrgica está engatinhando. Embora persistam al-

gumas idéias pequeno-burguesas em alguns companheiros, com vícios do movimento estudantil, a organização nas fábricas tende a fortalecer-se. Um dos fatores que nos auxiliarão é o aparecimento da TO. Já temos um grupo de amigos da TO, com companheiros de diversas fábricas. A tendência é aumentar e termos vários outros grupos para divulgar, ler, vender, discutir e contribuir com o jornal e com nossa luta nas outras categorias nas vilas.

Queremos que o jornal continue com a mesma linha para o movimento operário e por isso tenha o seu veículo de divulgação. Existe a possibilidade de um grupo de amigos do jornal por donas-de-casa. A idéia

discussão. Parabéns na defesa denúncia militar. Portanto, luta de ponta. Não pensem em u-

Organização e Memória  
Fundação Grubois

**Maria Saraiva** - 33 anos, casada, três filhos. Dona de casa, pioneira do Movimento Contra a Carestia, participa do Clube de Mães e do movimento de bairros da Zona Sul. "Minha profissão é a luta".



**L.** - 25 anos, solteira. Profissão: metalúrgica (ajudante geral). Atualmente encontra-se desempregada. "Mesmo os companheiros que estão na luta com a gente têm uma idéia da mulher bonita, do tipo sexy. E na hora de namorar eles escolhem aquelas. Este é um problema que a gente enfrenta. Eles têm na cabeça esse tipo de mulher de TV".

**Lais Oreb** - desquitada. Jornalista, membro da diretoria do sindicato. "Acho que a mulher tem que participar de alguma forma, no sindicato ou movimentos. A gente tem que se conscientizar disso. Mas é mais comum o homem participar".



**F.** - 25 anos, solteira. Também é metalúrgica (ajudante geral). "Na fábrica a mulher é muito discriminada. Na profissão, por exemplo. Tem muita mulher trabalhando como ajudante geral. Mas torneira, outras coisas assim, não tem. E mesmo quando a gente faz curso não é promovida. O principal problema é este. Por isso ganhamos menos".

**Rosana Salomão** - 28 anos, casada. Trabalha na indústria, na seleção de pessoal. Membro do Movimento Contra a Carestia. "Agora estou esperando bebê. Não sei como vou conciliar as coisas, para participar e cuidar das crianças".



**C.** - 26 anos, solteira, metalúrgica de profissão, está desempregada atualmente. Foi despedida de várias fábricas por participar de paralisações e outros movimentos. "Mulher sempre ganha menos. Quando a gente perde o emprego, os pais nem sempre compreendem que o problema é do sistema que a gente vive. Eles acham que a culpa é nossa, eles não entendem".

**Ana da Leste-casada**, dois filhos. Foi operária, hoje trabalha no Mobral e é membro do Movimento Contra a Carestia. "Eu gostaria que a gente debatesse a questão do trabalho. Para mim este é o problema que precisa ser tocado, o centro".



**Especial**

Debate na redação

# COMO SER MULHER, MÃE, TRABALHADORA, PARTICIPANTE

Ser mulher já é um obstáculo para a participação nos movimentos populares e democráticos. E é ainda mais complicado quando a mulher é casada, tem filhos, é dona de casa ou trabalha fora. Apesar disso, o número das mulheres conscientes e participantes é cada vez maior. É o que mostrarão, este mês, o II Congresso da Mulher Paulista, o Congresso da Mulher Metalúrgica em Belo Horizonte, os encontros de mulheres no Rio de Janeiro e Fortaleza. Como elas conseguem? A Tribuna Operária convidou 14 mulheres — operárias, donas de casa, moradoras da periferia e da favela, professoras, uma jornalista e uma enfermeira — que participam do movimento operário, dos movimentos contra a carestia, da favela e pela anistia para debaterem seus problemas e falarem de suas experiências. O resultado foi este:

**TO:** Todas as mulheres aqui presentes participam de diversos movimentos e lutas. Como conseguem conciliar essa atividade com o trabalho remunerado, as tarefas domésticas e a educação dos filhos?

**LAIS** — No meu caso é mais fácil. Eu já tenho filho criado e casado. Eu sou desquitada. Então esses problemas que poderia ter com marido, eu não tenho. A participação depende muito do grau de conscientização que a gente tem. O mais importante é a gente ter certeza de que precisa fazer alguma coisa. A mulher vem tendo mais participação, eu acredito que desde 1975. Mas isso aí ainda é o início. E não pode ser separado do trabalho geral. A luta que a gente tem de levar é uma luta de homens e mulheres. Mas é claro que as mulheres enfrentam dificuldades maiores.

**ANA** — Não é fácil a gente dar conta das coisas. Mas em casa eu não tenho muito problema porque a gente divide as coisas. A gente só não divide lavar roupa. Teve um tempo que ele estava desempregado. A gente vivia com o que eu ganhava na Philco e o salário que ele ganhava no Senai como desempregado. Aí, ele teve de assumir mais a casa. O problema maior é o das crianças. Elas estão sempre insatisfeitas com a gente porque não temos muito tempo para elas. São poucas mulheres que trabalham fora, fazem o trabalho de casa e estão na luta. Essas são pioneiras.

**DIRCE** — E, não é fácil, não. Ainda outro dia deixei meus filhos com uma pessoa para ir a uma reunião. Deixaram a minha filha menor cair. Aí meu velho, quando chegou, ficou nervoso, falou: "Não dá pra você participar e as crianças ficarem assim. Você não vai participar mais". Depois ele se arrependeu. E falou que o problema era arranjar alguém para ficar com as crianças quando eu saísse. Para largar assim o movimento, eu não largo não. Já peguei um amor

muito grande na luta. Na periferia não tem lugar para as crianças ficarem. Senão a gente podia participar igual aos homens.

**ESTER** — Eu acho que precisava ter creche em que a gente pudesse confiar. As poucas que tem por aí não dá pra gente confiar nelas. A gente vai visitar, a falta de higiene é muito grande, a alimentação é fraca. Quando me casei eu trabalhava fora. E a gente dividia. Mas depois que eu engraidei, deixei de trabalhar fora. Mas passei a trabalhar dobrado em casa.

**L.** — O problema maior que a gente tem para participar da luta e ser uma trabalhadora é o problema do salário baixo. A gente sai de um canto para o outro, com um salário mínimo que não dá nem pra gente comer, é problema até tomar condução. A mulher quase nunca é profissional. É quase sempre ajudante geral (recebe o mínimo). No controle de qualidade, eles aceitam só homem. E não tem emprego pra todo mundo. Isso é consequência dessa sociedade capitalista em que a gente vive. Esse problema da mulher ser sustentada pelo homem também.

**F.** — O problema maior que a gente enfrenta, não sendo casada, como na fábrica que eu trabalho, é de conseguir que essa mulherada vá pra luta. É difícil convencer uma mulher que sai de casa às quatro horas, trabalha na fábrica e tem todo trabalho de casa pra fazer a ir para uma assembleia no sindicato. Elas acham que a gente vai porque não tem filho pra cuidar.

**LAIS** — Mesmo entre as profissionais liberais esse problema de discriminação da mulher existe. Por exemplo, é difícil convencer uma mulher que vai para editora. Muitas vezes homens com capacidade inferior têm essa chance e a gente não tem.

**ANA** — Um dos problemas mais graves que a mulher enfrenta é a falta de

trabalho. A Dirce, por exemplo, a maior aspiração dela é trabalhar. E o grande problema das mulheres da periferia é que elas não têm dupla jornada, têm tripla. Porque as fábricas contratam as mulheres para fazer trabalho em casa. Mal remunerado, sem carteira assinada, sem nada. Era importante a gente mostrar para as mulheres que com isso de ficarem dois meses colando sacola a 12 cruzeiros por dia, pintando cavallinho, colando caixinha, fazendo bola, estão facilitando para que os donos das fábricas não paguem direito nenhum. Ela quer dar feição para os filhos e também se realizar com o trabalho.

**AMELIA** — Não se trata muito de querer. A mulher vai trabalhar porque precisa sustentar a família mesmo. Nenhum trabalho no sistema capitalista vai realizar a gente. A mulher sabe que quando vai trabalhar fora, trabalha muito mais do que o homem, porque enfrenta dupla jornada. Não tem essa de divisão de trabalho dentro de casa. Por mais que você dívida, algumas coisas ele não vai fazer. Toda vez que eu vou numa reunião, eu fico preocupada com meus filhos que ficaram em casa. E eu tenho certeza de que meu marido fica muito mais tranqüilo do que eu.

**MARIA SARAIVA** — Se eu não tivesse a consciência que tenho agora, eu acharia que trabalhando fora ia me realizar. Mas agora, eu entendo que, nesse regime capitalista, nenhuma mulher, por mais profissional que seja, se realiza. Porque ela é usada em todos os cargos que ocupa. Em outro regime, como a gente queria que fosse, numa fábrica, num jornal, em qualquer lugar, ela estaria fazendo coisas para o povo, e não pra dar lucro para um grupo.

**DIRCE** — Lá perto de casa, eu conheço duas irmãs que são mães solteiras. Uma trabalhava e outra cuidava das crianças. Sabe o que aconteceu? A que cuidava das crianças resolveu trabalhar também

e pagar uma pessoa pra ficar com as crianças. Ela achava que trabalhar era se divertir. Muito pior era ficar naquele inferno dentro de casa.

**ROSANA** — É de fato um dilema desgraçado. A gente quer trabalhar, precisa. Mas não sabe como resolver por exemplo os problemas da criança. A culpa é mesmo deste sistema. Se tivesse lugar onde as crianças ficassem dava pra gente viver melhor.

**MARIA AUXILIADORA** — Eu acho que o que eu teria de contar de mais importante são os problemas enfrentados pelas mulheres que tiveram maridos, irmãos presos. Eu acompanhei isso de perto. E o problema mais sério é o das crianças, que acabam visitando os presídios, vendo seus pais e mães maltratados. Numa situação dessas, além de enfrentar a luta pela subsistência, a própria ditadura, a gente tem que trabalhar politicamente. Atualmente as mulheres ocuparam um espaço político. Vejo mulheres falando em atos públicos com a mesma desenvoltura que os homens. Isso foi difícil, porque envolveu sempre as crianças. Eu tive que viver fora do país com as crianças, depois trazer as crianças, etc. Meus filhos foram presos; enfim foram problemas que eu tive de enfrentar como mulher, como mãe. Quando eu fui presa com meu marido, eu fiquei com as crianças. Enfrentei 6 meses de prisão com eles junto comigo. Eles tinham 3 e 4 anos. Mas eu considero essa experiência vitoriosa. Eles entendem isso. E como o futuro é feito do presente, eu acho que ele será legal.

**AMELIA** — Eu e a Criméia enfrentamos uma barra pesada neste aspecto. Nosso pai participava da luta, e a gente vivia em porta de DOPS. A gente era muito humilhada por ser mulher. Sobre tudo nos aparatos de repressão, nos quartéis, onde a gente ia procurar o nosso pai. Naquela época (1964) não tinha muitas mulheres.

Então eles deixavam a gente horas e horas no quartel onde só tinha homem. E faziam piadas, criavam um clima de chacota. Então, a gente praticamente nasceu com a luta. E quando fomos presas depois (1972), a situação era tão difícil para mim quanto para ela. A Criméia estava grávida. Eu fui muito martirizada por ser mulher, sobretudo casada. E meus filhos me viram sair da sala de tortura, toda machucada. Os policiais sentiram logo que eu era mãe. Então ameaçavam meus filhos, chegaram a me dizer que eles tinham sido assassinados.

**CRIMEIA** — Eu fui presa duas vezes. Quando ainda não era mãe, e grávida. E nos dois casos eles utilizam muito o fato de a gente ser mulher. Para nós é muito mais chocante ouvir certos palavrões, ver certas cenas. E eles usam muito isso. Depois, eu fui presa grávida. Meu companheiro estava foragido. E realmente a gravidez é só da mulher mesmo. Quem estava com o filho no útero era eu. E isso foi usado. Ameaçavam matar meu filho, provocar aborto, etc. Então eles diziam que eu era uma mãe desnaturada, que foi fazer política e podia ter dado melhores condições para meu filho. Existe uma visão reacionária de mulher e de mãe. Dentro desta visão, quem participa de política é uma mãe desnaturada. Ela não pode participar de política porque pode prejudicar o filho, etc. Mas minha experiência, embora meu filho tenha só sete anos, mostra que a criança entende isso. Ele entende que eu sou tão mãe quanto as outras. Não fui eu que determinei que ele devia nascer na prisão. Foram os outros, foi a repressão.

**TO** — Como transmitir essa experiência? Como conciliar a participação na luta em geral e na vida política com a vida pessoal e os problemas na família?

**CRIMEIA** — Trabalhar fora não é uma opção para a mulher, é uma necessidade. No trabalho, ela enfrenta o arrocho salarial, a opressão. Então ela começa a lutar, ela é envolvida nisso. E cada vez mais ela é explorada nesse sistema. E percebe que a solução para isso é uma solução política. E vai participando. A coisa vai indo num crescendo.

**AMELIA** — A gente foi educada pra deixar a casa bonita e tal. Quando a gente vai sair, num primeiro momento a gente entra em conflito. Mas na medida em que a gente vai participando, a gente vai encontrando satisfação em outras coisas. Os valores da gente passam a ser outros. A gente começa a achar mais importante participar das coisas do que ter a casa arrumadinha.

**D. LURDES** — É comida requentada, arroz de três dias. A gente não liga mais. A vida é sempre com sacrifício. Tem que perder alguma coisa. Mas a gente vai dormir satisfeita sabendo que lutou.



Em debate a luta da mulher.

**Maria Amélia** Telles - 35 anos, professora, feminista. Expressa política. "Fui muito torturada. Eles se aproveitaram de minha condição de mulher. As torturas que sofri... até hoje é uma coisa que não consigo botar pra fora, não consigo falar".



**Ester Nolasco** - Casada, mãe de três filhos. Trabalha na alfabetização de adultos. "Estou aí nas lutas populares, nos Clubes de Mães, acho que é isso. Meu marido me ajuda só um pouquinho em casa. Pra dizer a verdade, eu faço a maior parte".



**D. Lurdes** da Favela - 57 anos, viúva, um filho de 16. Ex-verredora de rua, vive na pensão deixada pelo marido. É dos Movimentos por creches e Contra a Carestia. "Tem uma porção de coisas que a gente tá fazendo. O que vier eu estou topando".



**Maria Auxiliadora** Arantes - casada, dois filhos. Professora, membro do Comitê Brasileiro pela Anistia, expressa política junto com seu marido. "Apesar das dificuldades que enfrentamos, acho que a experiência com as crianças foi vitoriosa".



**Dirce** da Ponte Rasa - dona de casa, casada, oito filhos. Participa do movimento de favelas e do Movimento Contra a Carestia. Poeta e música. "Quando fico meio aporrinhada, vou cantar um pouco, para clarear as idéias. E volto pra labuta".



**Criméia** de Almeida - Viúva, enfermeira. Foi guerrilheira no Araguaia, onde morreu seu marido. Seu filho nasceu na prisão. "Meu filho é capaz de entender que como mãe eu queria ter dado melhores condições pra ele. Foram eles que não deixaram".



**Olívia Rangel**, participando pela Tribuna da Luta Operária, coordenou os debates sobre a situação da mulher brasileira e a luta por sua completa emancipação.



## A mulher no trabalho

Na linguagem fria dos números, o comprovante da exploração da mulher

Proporção entre homens e mulheres na indústria paulista:

Tarefas não especializadas	— 1 mulher para cada 3 homens
Tarefas de nível médio	— 1 mulher para cada 6 homens
Tarefas de nível superior	— 1 mulher para cada 19 homens

Proporção de mulheres como professoras nos diferentes níveis de ensino:

primário	— 95% de mulheres
colegial	— 50% de mulheres
superior	— 23% de mulheres
mestrado	— 15% de mulheres
doutorado	— 9% de mulheres

Muitas mulheres participam muito mais em trabalhos pouco elevados a função, há menos mulheres. A maioria das mulheres recebe de 0 a 1 salário mínimo. Nas funções mais remuneradas, há uma mulher para 60 homens. As principais funções da mulher são: empregada doméstica, trabalhadora de fábrica, do setor têxtil e enfermeira não diplomada.

Em cada mil homens	Em cada mil mulheres
394	594
423	358
152	86
3	0

## 8 de Março: 129 operárias assassinadas

Pouca gente no Brasil conhece os acontecimentos que deram origem ao 8 de março. E mesmo entre as pessoas mais esclarecidas esta data passa despercebida. Uma expressa política conta que em 1973, gritou bem alto de sua cela: "Viva o Dia Internacional da Mulher!" Era 8 de março. Os demais presos se entreolharam: ninguém sabia! E no entanto, o 8 de março está ligado a história da mulher trabalhadora, é um dia de luta e de luta.

Em 8 de março de 1908, as operárias da fábrica têxtil "Cotton", de Nova York, nos Estados Unidos, entraram em greve. Elas protestavam contra suas péssimas condições de trabalho, a jornada de 14 a 16 horas e os salários de fome. Elas eram tão exploradas que muitas vezes tinham seus filhos dentro da própria fábrica, em meio ao trabalho. Muitas morriam com menos de 30 anos, vitimadas pela tuberculose e a exaustão.

As grevistas exigiam 10 horas de trabalho diário, melhores salários e condições de trabalho mais humanas. Diante da negativa da empresa em atendê-las, as operárias ocuparam a fábrica. Em represália, o dono da empresa chamou a polícia, que fechou as portas da fábrica e ateou fogo ao edifício. As 129 mulheres morreram queimadas.

Dois anos depois, em 1910, realizou-se em Copenhague, na Dinamarca, o 1º

**CDM**  
Centro de Documentação e Memória da Mulher

Congresso Internacional de Mulheres. Em homenagem às 129 operárias norte-americanas assassinadas, o 8 de março foi instituído como Dia Internacional da Mulher e passou a ser comemorado no mundo inteiro.

# Os sandinistas no Brasil

“A vitória na Nicarágua foi possível porque houve decisão, audácia e, o que é mais difícil... — Daniel Ortega, da Junta de Governo nicaraguense, faz uma pequena pausa, deixando em suspense o auditório de 5 mil brasileiros — porque tivemos um pouco de humildade para conseguir a unidade revolucionária (aplausos). Sem unidade, em lugar de apresentarmos um só punho, apresentamos cinco dedos estendidos, apontados para diferentes direções (mais aplausos). A maior experiência da revolução nicaraguense é que não se deve copiá-la (risos). Mas há uma exceção: a unidade é decisiva para que possa haver revolução. Isto sim deve-se copiar (aplausos estrondosos).”

## “Nossa luta é idêntica”

O auditório do Tuca, na Universidade Católica de São Paulo, está repleto. Pela primeira vez os brasileiros têm a oportunidade de um contato direto com a Nicarágua sandinista, na pessoa de Daniel Ortega, do Padre Miguel D'Escoto (ministro do Exterior), da sra. Socorro Guerrero, das Comunidades de Base de Manágua e outras figuras expressivas que participaram de um congresso de teologia em São Paulo.

O local e o preço (Cr\$200,00) impediram uma maior presença popular. Mesmo assim há um certo número de trabalhadores, que estão entre os mais entusiasmados. Um motorista de ônibus explica: “Nossa luta é idêntica à da Nicarágua. E isso mesmo. Aqui no Brasil também vai se chegar ao ponto de pegar em armas, porque o capitalismo é mesmo animal”.

Uma costureira que está junto interrompe: “Eu não queria que fosse assim. Queria que fosse na união e não na guerra”. Mas outro motorista logo acode seu colega, dizendo que “não é questão de querer, mas se tiver que pegar em armas vamos ter que pegar”. A costureira vacila e conclui: “Só sei que tem que dar um jeito. Tenho uma criança em casa que já está mamando chá porque o dinheiro não dá para o leite todo dia”.

Mais adiante, um escrivão de Itapira comentou: “O que aconteceu lá, tudo que o povo fez, está acontecendo aqui. O que eu acho é que a Igreja precisava se aproximar mais do povo. E se for preciso usar armas, que seja!”

## O aplauso mais forte

Para os presentes e para muitos outros milhões de brasileiros, a Nicarágua é tudo isso: o caminho para as crianças terem leite e o povo, liberdade, uma terra de gente muito parecida com a nossa. Como dona Socorro, que diz, entre aplausos: “Questionem este monstro

Primeiro contato direto dos brasileiros com a Nicarágua libertada. Os ensinamentos de um povo que pegou em armas para ter paz. Sem unidade revolucionária não há revolução. Uma Igreja que diz: “O Evangelho foi pregado pelos sandinistas”. D. Pedro: “A Nicarágua deu o exemplo, todos nós temos de ir atrás”.



Mais de 5 mil pessoas ouviram o relato sobre a revolução nicaraguense.

que vocês têm, que é o capitalismo. Nós, os nicaraguenses, já estamos conscientes de que o capitalismo é o que há de pior, é o próprio diabo”.

Por isso a revolução nicaraguense despertou no Brasil uma simpatia pelo menos igual à revolução cubana há 20 anos. Se Cuba terminou não correspondendo à expectativa, nem por isso a esperança agora é menor. Apenas desta vez o entusiasmo se mistura com uma espécie de cuidado. E como se a Nicarágua sandinista fosse uma criança recém-nascida, cercada pela vigilância da família, que se inquieta com cada resfriado ou diarreia.

Isso se manifestou quando Daniel Ortega tratou do melindroso problema do empréstimo pedido ao governo dos Es-

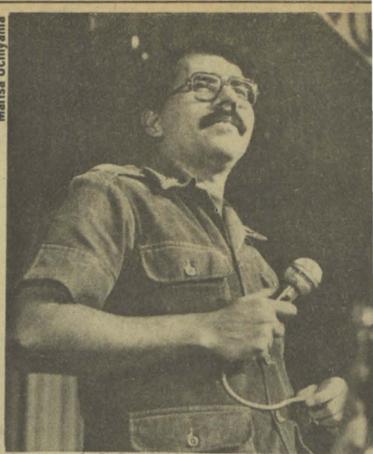
tados Unidos. No Brasil, endividado até o pescoço, aprendeu-se que pedir dinheiro aos banqueiros americanos é sempre um mau negócio. O público gostou de ouvir que “trata-se de conseguir empréstimos com dignidade” e que “o futuro da revolução nicaraguense não depende desses 75 milhões”. Mas os aplausos mais demorados e entusiasmados da noite explodiram quando Ortega disse que “a Nicarágua teria todo o direito de reclamar dos Estados Unidos uma indenização histórica pelos danos que fizeram ao nosso povo”.

## Cristão, revolucionário

A delegação que visitou o Brasil representava as forças cristãs que se en-

gajaram no Frente Sandinista. Na mesma Frente militam outras forças, leigas e até marxistas-leninistas. Assim, não foi possível aos brasileiros ter um contato direto com o sandinismo em seu conjunto.

Mas causou impacto o comprometimento revolucionário dos cristãos nicaraguenses. Padre Miguel D'Escoto chegou a estabelecer uma identidade entre as duas coisas. “O povo — disse — é sandinista e, portanto, cristão”. E Ortega foi mais longe. A certa altura de seu discurso atacou de surpresa: “Vocês cristãos, revolucionários...” A platéia, um pouco atônita, passou uns bons segundos se entreolhando antes de começar a aplaudir. Mas Ortega não se deu por achado e continuou: “Sim, porque isso é



Daniel Ortega



D. Pedro Casaldáliga

quase uma redundância!” Essa forma direta de colocar o compromisso com a revolução, estribada numa prática revolucionária, serviu como um apoio às correntes mais progressistas dentro da Igreja brasileira. Não por acaso, D. Pedro Casaldáliga, o bispo dos posseiros de São Félix do Araguaia, foi objeto de uma homenagem especial na ocasião: recebeu do grupo teatral União e Olho Vivo um uniforme de guerrilheiro sandinista.

Agradecendo a homenagem e vestindo o uniforme, D. Pedro salientou que a solidariedade com a Nicarágua é também um compromisso de cada um: “A Nicarágua nos deu exemplo. Todos nós, todos os povos da América Latina vamos atrás”.



Acentua-se a luta entre os trabalhadores e o capital britânico Inglaterra:

## Operários do aço não vergam

Trabalhadores das siderúrgicas inglesas estão em greve há 60 dias. Governo conservador diz que não cede. Crise aguçada contradizões entre operários e patrões no país que foi o berço do capitalismo.

A greve dos operários de siderúrgicas da Inglaterra começou em 2 de janeiro e é a primeira que realizam desde 1927. Ela é consequência da grave crise que a indústria do aço vem atravessando desde 1975, em meio à crise geral do capitalismo. Devido à acumulação de grandes estoques, os preços do aço sofreram uma forte queda — as placas de aço, por exemplo, caíram de 15.500 a 8.500 francos belgas, em apenas um ano. As companhias siderúrgicas, no entanto, vêm compensando essa baixa através do desemprego em massa e o estrangulamento econômico de outros setores.

Assim, somente na Inglaterra foram extintos 117 mil empregos no setor, desde 1967, planejando-se ainda demitir mais de 52 mil operários, o que representa um terço da força de trabalho da indústria siderúrgica britânica. Por sua vez, o governo da primeira-ministra Margaret Thatcher desencadeia uma forte pressão sobre os sindicatos, procurando estabelecer o arrocho salarial com o já conhecido argumento de que a indústria não suportaria novos aumentos.

Mas os operários não se intimidaram. Após terem recusado sua reivindicação de 20% de aumento, em dezembro passado, iniciaram a greve dia 2 de janeiro, nas fábricas estatais, paralisando também as importações de aço, graças à solidariedade dos trabalhadores das docas e do setor de transportes. Em 13 de janeiro, os 15 mil operários da indús-



tria siderúrgica privada aderem à greve. E no País de Gales, onde 12 mil trabalhadores foram ameaçados de demissão, a greve deveria ter-se iniciado no dia 1 de março, por tempo não determinado.

## A INTRANSIGÊNCIA DOS PATRÕES

O governo britânico, frente à energia demonstrada pelos trabalhadores, foi forçado a conciliar. A 18 de janeiro, propôs que uma verba de 450 milhões de libras, destinada a investimentos na siderurgia, seja utilizada para o pagamento de indenizações aos demitidos. Mas a proposta foi recusada pela administração da indústria, que, ao contrário, pretendia reduzir drasticamente as indenizações, insistindo também em fechar as fábricas do País de Gales.

A atitude dos trabalhadores diante da posição dos patrões foi uma só: continuar a greve. Junto à paralisação total dos setores do ferro, aço e altos fornos, os operários realizam manifestações e concentrações, recebendo a solidariedade de inúmeras categorias, tanto na Inglaterra como no exterior. E a confiança na vitória foi expressa pelo presidente dos mineiros de Yorkshire, durante uma concentração dos grevistas em Sheffield: “Os operários são invencíveis. Se esta greve for ganha, será a maior vitória da história da indústria moderna”.

## Delfim nos Estados Unidos:

# “Me dá um dinheiro aí”

Delfim Netto foi pilhado mais uma vez numa mentira flagrante: viajou para os Estados Unidos, no carnaval, dizendo que ia apenas explicar aos banqueiros de lá que a economia do Brasil não está mal como parece. Mas voltou vangloriando-se de ter conseguido mais 12 bilhões de dólares de empréstimo!

## O PREÇO DA VIAGEM

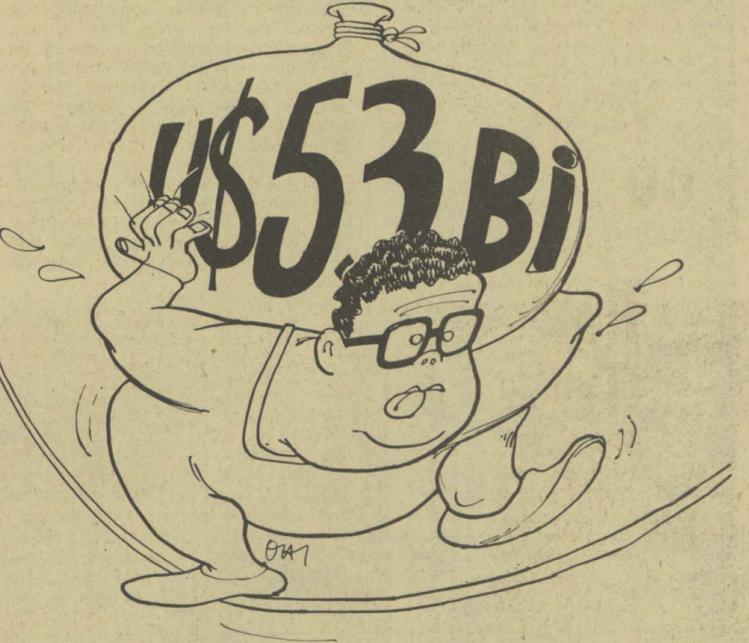
Dos 12 bilhões, 7 vão ficar nos Estados Unidos mesmo. Servirão para pagar outras dívidas, contraídas anteriormente pelo regime militar. E os outros 5 serão aplicados no país para manter a economia em funcionamento e servirão para sua desnacionalização.

Este círculo vicioso, de dívidas para pagar dívidas e entrega do país a pretexto de salvar o país, está chegando a um ponto crítico. Um sintoma disso foi a “esticada” de surpresa do ministro do Planejamento, de Nova Iorque até Londres e Paris. E que o dinheiro conseguido com os banqueiros de Wall Street não chega para sustentar o modelo brasileiro de desenvolvimento capitalista dependente. Foi preciso pedinchar também junto aos banqueiros da City. E ainda oferecer de mão beijada os minérios da Serra dos Carajás aos capitalistas franceses.

## FMI QUER BOTAR A MÃO

Porém ainda tem mais. Durante a estada de Delfim, com seu colega da Fazenda, Galvêas, circulou uma notícia da maior gravidade: que o FMI teria manifestado o desejo de assumir a administração da dívida externa brasileira. Delfim negou. Galvêas também. Mas vários jornalistas, brasileiros e americanos, garantem que é verdade.

Isto significa que o capital financeiro internacional aplicaria diretamente a sua receita para a economia brasileira: con-



gelamento dos salários; corte drástico das verbas para educação, saúde, etc.; “livre flutuação”, ou melhor, alta vertiginosa dos preços; depressão na economia, com aumento do desemprego; e facilidades ainda maiores para a penetração de mercadorias e capitais estrangeiros.

## AONDE ISTO VAI PARAR

Segundo a versão corrente, Delfim recusou o “oferecimento” do FMI. Mas a política econômica em vigor conduz o

país neste rumo. A dívida externa já anda por volta de 53 bilhões de dólares. Delfim diz que este ano ela vai crescer “apenas” 5 bilhões, mas os banqueiros calculam este número em 16 bilhões. Delfim diz que este ano o Brasil ganhará com as exportações o mesmo que gastará com as importações, mas só em janeiro registrou-se um déficit de 450 milhões de dólares na balança comercial. Com este governo e sua política, a nação brasileira está de joelhos perante o capital imperialista.

## Cuidado! os chineses estão chegando

Cercada do máximo segredo, uma delegação militar chinesa vem de visitar o Brasil. Agentes de segurança impediram contatos com a imprensa. Mas o objetivo da visita é sabido: a China quer comprar armas fabricadas pela indústria brasileira “Engesa”, especialmente tanques leves e médios. No afã de modernizar seu Exército, para não repetir o fiasco da invasão do ano passado ao Vietnã, os Teng Hsiao-ping, Hua Kuo-feng e companhia estão para qualquer negócio, mesmo que seja um negócio da china para os traficantes de armas ocidentais. E agora o Brasil entrou na boca.

Pouco tempo antes, havia se informado que a agência de notícias “Nova China” instalará um escritório no Brasil.



Ou melhor: reinstalará. Como se recorda, antes do golpe de 1964 a “Nova China” funcionava no Brasil. Seus correspondentes chegaram mesmo a se

presos e sofrerem a quartelada. Mas outros e outras notícias da “Nova China” nos últimos dez anos que a propaganda e dos países em luta são P. Pent...